

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO
MESTRADO/DOUTORADO

***A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E EDUCAÇÃO NA
PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS
ESCOLAS PARTICULARES***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Élio Salvador Praia Carravetta.

Carlos Eduardo Berwanger

Porto Alegre, março de 2002.

*“Eu acredito é na rapaziada
que segue em frente, segura o rojão.*

*Eu ponho fé é fé na moçada
que não foge da fera e enfrenta o leão.*

*Eu vou à luta com esta juventude
que não corre da raia a troco de nada.*

*Eu vou no bloco dessa mocidade
que não tá na saudade e constrói
a manhã desejada”.*

(Luiz Gonzaga Júnior)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que compartilharam comigo os momentos de angústia vividos nestes dois últimos anos e que de alguma forma contribuíram para minha caminhada até aqui.

Em especial, quero agradecer ao Professor Élio Salvador Praia Carravetta pela oportunidade que me foi dada de realizar este estudo e que possibilitou a realização de um antigo sonho que era trabalhar no Ensino Superior.

Agradeço também a todos os meus professores de Educação Física na escola e aos técnicos de basquete com os quais tive contato como aluno ou como colega. Um agradecimento especial à família Marramarco, na pessoa do Professor Cesare, por ter feito com que me apaixonasse pelo esporte, por ter-me ensinado que a amizade e o respeito devem estar sempre conosco enquanto educadores e por ter orientado os rumos de minha vida. Graças ao seu exemplo, sou hoje um professor de Educação Física que ama sua profissão. A família Eckert, na pessoa do Professor Jorge, por ter tornado possível a concretização de um dos meus objetivos que era dar aulas em escolas e pela parceria que me orienta e ensina a todo instante. Ao professor Mancuso que percebeu em mim, quando eu ainda estava em dúvida entre ser veterinário ou professor, condições para o exercício da Educação Física. A família Brauner, Vera e Mário, pelos conselhos e ensinamentos que sempre me motivaram e contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

Agradeço a todos alunos com quem tive a oportunidade de trabalhar, desde o começo de minha docência na ACM até os atuais, que me proporcionaram e proporcionam situações de muito aprendizado e construção de conhecimento. Também aos meus colegas professores nas escolas onde trabalho e trabalhei e aos colegas no curso de mestrado pela força em vários momentos. Ao Professor e à Professora Molina, pelas palavras positivas que me motivaram nos momentos de crise durante o curso.

Um agradecimento com muito carinho e apreço ao Educador Silvino Santin pelas “mentiras” contadas em aula. Faltam-me palavras para agradecer-te. Gostaria

de te dizer que, para mim, a simplicidade e o respeito que tens pelos teus alunos fazem de ti uma pessoa fantástica. Tu és um sábio no qual procuro inspiração.

Citando alguns nomes, corri o risco de esquecer alguém que tenha sido importante em minha caminhada. Portanto, quero estender meus agradecimentos aos meus amigos e à família de minha esposa (os agregados) que tiveram paciência de agüentar meu mau humor em vários períodos.

Agradeço aos meus irmãos e a minha mãe, Suely Berwanger, por não medir esforços em nossa educação e pelo mimo que recebi. Um agradecimento póstumo a meu pai, Ezio Berwanger, pelo amor por mim que eu percebia nas suas poucas palavras e gestos e pela alegria demonstrada comigo em inúmeras situações.

Com sinceridade, o meu muito obrigado a todos !

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus dois amores. A minha esposa, companheira e educadora, Cristiane, e a meu filho, Carlos Henrique que tem me proporcionado os momentos mais felizes da minha vida.

Obrigado pela compreensão nos períodos de ausência.

Amo vocês !

RESUMO

O presente trabalho é o relatório final de pesquisa entregue ao Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o título: “A relação entre esporte e educação na perspectiva dos alunos do Ensino Médio das escolas particulares”, para fins de obtenção do título de Mestre. Através da pesquisa qualitativa do tipo etnográfico e com a utilização da entrevista semi-estruturada, da observação participante, do diário de campo e da análise documental, como instrumentos de coleta de informações, tenho como objetivo responder ao seguinte problema de investigação: **Como os alunos do terceiro ano do Ensino Médio das escolas particulares de Porto Alegre percebem o esporte na escola e qual a relação que eles estabelecem entre o esporte e os seu processos de formação educativa?** A dissertação está organizada em duas partes. Na primeira, estão localizados os referencias teóricos onde desenvolvo uma aproximação ao problema e apresento as decisões metodológicas que conduziram a pesquisa. Na segunda, trato da interpretação dos resultados obtidos no campo. Estas informações deram origem as quatro categorias de análise: A prática esportiva nas escolas; o esporte na perspectiva dos alunos; esporte e aprendizagem; e a escola na perspectiva dos alunos. Nas considerações finais, apresento: as limitações da pesquisa, as idéias que podem dar continuidade ao tema de investigação e a conclusão, que resume minhas reflexões durante o processo de desenvolvimento da pesquisa.

ABSTRACT

The present paper is the final report of research given to the Master's Course in Sciences of the Human Movement of Physical Education School of Federal University of Rio Grande do Sul, under the title: "The relationship between sport and education in the perspective of High School students of private schools", in order to obtain the Master's title. Through the qualitative research of ethnographic type and with the use of the semi-structured interview, of the participant observation, of the field diary and of the documental analysis, as instruments of collection of information, I have as objective answer to the following investigation problem: How do the students of the last year of High School in private schools of Porto Alegre notice the sport in the school and which relationship that they establish between the sport and its processes of educational formation? The dissertation is organized in two parts. In the first, there are located theoretical references where I develop an approach to the problem and I present the methodological decisions that conducted the research. In the second part, I treat the interpretation of the results obtained in the field. These information gave origin the four analysis categories: The sporting practice in the schools; the sport in the students' perspective; sport and learning; and the school in the students' perspective. In the final considerations, I present: the limitations of the research, the ideas that can give continuity to the investigation theme and the conclusion, that summarizes my reflections during the process of development of the research.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
DEDICATÓRIA.....	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
SUMÁRIO.....	8
ÍNDICE DE QUADROS.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
2. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA.....	15
2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS ESCOLAS PARTICULARES DE PORTO ALEGRE	15
2.2 CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DA ESCOLA PARTICULAR.	19
2.3 O ESPORTE ATUAL	21
2.4 O ESPORTE NA ESCOLA PARTICULAR.....	23
2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO	30
2.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	35
2.7 A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E EDUCAÇÃO.....	40
2.8 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	43
2.8.1 <i>Questões secundárias</i>	45
3. DECISÕES METODOLÓGICAS.....	46
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	46
3.2 OS PARTICIPANTES	49
3.3 CRITÉRIO DE SELEÇÃO DAS ESCOLAS	50
3.4 ESCOLAS PARTICIPANTES	51
3.5 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS ALUNOS.....	53
3.6 NEGOCIAÇÃO DE ACESSO	54
3.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	55
3.7.1 <i>A entrevista semi-estruturada</i>	55
3.7.2 <i>A observação participante</i>	57
3.7.3 <i>Análise documental</i>	59
3.7.4 <i>Diário de campo</i>	60
3.8 O ESTUDO PRELIMINAR	61

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	62
4.1 A PRÁTICA ESPORTIVA NAS ESCOLAS.....	63
4.1.1 <i>O conceito de esporte e as experiências esportivas</i>	63
4.1.2 <i>A Educação Física escolar</i>	69
4.2 O ESPORTE NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS.....	76
4.2.1 <i>O esporte na escola e fora da escola</i>	76
4.2.2 <i>Os objetivos do esporte na escola</i>	80
4.3 ESPORTE E APRENDIZAGEM.....	84
4.3.1 <i>O aprendizado através do esporte</i>	84
4.3.2 <i>As contribuições na formação pessoal e educativa</i>	88
4.4 A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS.....	91
4.4.1 <i>As disciplinas escolares</i>	92
4.4.2 <i>As funções da escola</i>	95
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
5.1 AS LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	99
5.2 IDÉIAS DE CONTINUIDADE.....	100
5.3 CONCLUSÃO FINAL.....	101
6. BIBLIOGRAFIA.....	105
7. ANEXOS.....	110
7.1 ANEXO I – RELAÇÃO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE ENSINO MÉDIO DE PORTO ALEGRE.....	110
7.2 ANEXO II – CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS ESCOLAS.....	112
7.3 ANEXO III – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.....	113
7.4 ANEXO IV – PAUTA DE OBSERVAÇÕES.....	114
7.4 ANEXO V – SONDAÇÃO.....	115
7.4 ANEXO VI – UNIDADES DE SIGNIFICADO.....	116

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	38
---	-----------

1. INTRODUÇÃO

Toda investigação nasce de problemas, questões, dúvidas, perguntas e curiosidades que acontecem no cotidiano. Depende, em grande parte, da intencionalidade, afetividade, inteligência e experiências de vida do pesquisador. Logo, as questões de investigações estão relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, sendo fruto de determinadas inserções no real. (Minayo, 1994).

Com a oportunidade de realização deste estudo, percebi que alguns passos são extremamente difíceis na realização de uma investigação. O primeiro e, no meu entendimento, o mais importante diz respeito à definição do problema a ser investigado. Entre muitas situações que os processos educativos e o esporte escolar oferecem, tive que delimitar apenas uma, pois se tornaria muito difícil analisar a complexidade dos fenômenos do cotidiano escolar em sua totalidade.

Por isso, a delimitação do tema e posterior definição do problema de pesquisa foi construída a partir de algumas certezas oriundas da minha experiência enquanto docente. A primeira é de que deveria ser relativa ao Ensino Médio da escola particular de Porto Alegre, pois é neste ambiente que me encontro envolvido desde o início de minhas atividades como professor, o que me oferece um conhecimento do contexto atual porque identifico características importantes e particulares nesta fase da escolaridade básica, bem como na escola privada. Como exemplo, cito a proximidade com o vestibular, o desinteresse dos alunos com determinadas disciplinas escolares como a Educação Física, as vivências esportivas e culturais dos alunos, o fato de o esporte ser o conteúdo predominante nas aulas de Educação Física, as condições materiais e de espaço físico de que dispõem as escolas particulares serem bastante apropriadas, entre outras.

Outros fatores que contribuíram para a definição do tema de investigação foram a vivência que obtive como aluno, atleta e técnico esportivo da escola particular e o meu grande interesse em assuntos ligados às questões pedagógicas do esporte escolar que, ao longo do tempo, me ajudaram na construção de um

referencial teórico na área. Portanto, o tema que me proponho a estudar é a relação entre esporte e educação na perspectiva dos alunos de terceiro ano do Ensino Médio em três escolas particulares de Porto Alegre.

Muitos pesquisadores, nos últimos anos, têm dedicado seus estudos ao esporte escolar e suas implicações com os processos educativos (Molina Neto, 1996). No entanto, acredito que o tema de investigação proposto ainda não está esgotado e apresenta de certo modo uma singularidade porque acrescenta ao debate um aspecto importante que, normalmente, é marginalizado que é a abordagem a partir da perspectiva e do pensamento dos alunos. É necessário sabermos o que o aluno aprende com o esporte da escola e como percebe o esporte escolar (COLETIVO DE AUTORES, 1992), para, a partir daí, fazermos uma análise crítica de nossas práticas pedagógicas. Hoje, vemos que as aulas de Educação Física no Ensino Médio se transformaram em uma grande e simples prática desportiva, descompromissadas em relação a uma reflexão teórica acerca de seu sentido e de sua identidade enquanto um elemento cultural (Neuenfeldt & Canfield, 2001). Para Vago (1999), pesquisar as práticas escolares de Educação Física torna-se cada vez mais importante, para que se possam conhecer diferentes culturas escolares, suas possibilidades e seus problemas. Acrescenta ainda que partir das práticas escolares é um modo vital de pensar a pesquisa em Educação Física. Trata-se, então, de dar vozes aos atores principais do processo educativo e esportivo que, no meu entendimento, são os alunos.

O estudo tem como objetivos identificar como os alunos de terceiro ano das escolas estudadas percebem o esporte escolar, como o relacionam com a sua formação, quais as contribuições e importância por eles identificadas em relação a sua formação, quais os objetivos do esporte na escola, qual o aprendizado promovido pelo esporte, além de oferecer elementos para a continuidade de estudos relacionados ao esporte escolar e a Educação Física em geral.

Sem nenhuma dúvida, o esporte é hoje um dos maiores fenômenos culturais da nossa sociedade. Faz parte, através do vínculo com as mais variadas instituições sociais, da vida de milhões de pessoas no mundo todo, seja como simples espectadores ou como atletas. Deste modo, o esporte passa a exercer também um forte papel na instituição escolar, ocasionando, inclusive, muitas discussões e debates

no meio acadêmico sobre a sua validade na escola. Posições contrárias à formatação esportiva escolar que falam da desigualdade, da exclusão e da elitização, fruto de um sentido que o esporte carrega consigo para dentro da escola; existem, porém, posições favoráveis que defendem sua entrada por ser um elemento da cultura corporal construído pela humanidade e que, portanto, não necessita de transformações para o seu ensino na escola. Certo é que, atualmente, todos os alunos de escolas particulares têm contato com pelo menos uma das duas formas distintas de esporte que identifiquei na escola. Seja nas aulas de Educação Física, por este ser o conteúdo predominante, ou seja na participação em equipes esportivas representativas da escola. Portanto, no momento em que o esporte se faz presente na rotina dos alunos e na da comunidade escolar, o mesmo deve estar integrado aos projetos políticos e pedagógicos da escola e, conseqüentemente, vinculados aos processos de aprendizagem escolar.

Acredito que o esporte possui um grande valor educativo e pode oferecer inúmeras possibilidades de intervenção na formação e educação dos nossos alunos. Porém, a estrutura da escola atual não tem permitido que esta vinculação realmente aconteça na prática. A educação escolar, que é uma parcela mínima da educação geral, ao longo dos anos mostrou que estabelece diferentes sentidos e significados aos diversos conhecimentos por ela abordados. Privilegiou o conhecimento científico em detrimento aos demais e sua estrutura está totalmente planejada e desenhada para o desenvolvimento de atividades de ordem intelectual (Santin, 1999). A educação, de maneira geral, já na sua origem, também foi sempre para poucos e para aqueles que contavam com recursos financeiros para o seu custeio. Com certeza este foi, também, um dos motivos pelos quais se afastou dos conhecimentos que pertencem a todos, o de senso comum.

Assim, a Educação Física, com seus conteúdos, e os esportes ficaram à margem do processo educacional, servindo apenas de atividades complementares ou auxiliares às outras disciplinas. No Ensino Médio, este caráter de cientificidade da educação é elevado pela presença do vestibular que indica para os alunos que este período é um momento de decisão que se refletirá para o resto de suas vidas. Isto faz com que tenhamos características importantes como a desmotivação e desinteresse

na participação em práticas esportivas nas aulas e que tanto o esporte como a Educação Física sejam vistos com menor importância em relação ao processo de ensino. Desta forma, a escola se transforma na responsável pela transmissão dos conhecimentos socialmente válidos e que, de certo modo, introduz os alunos na vida adulta, no mercado de trabalho e no convívio social (Delval, 2001).

Outra decisão difícil de ser tomada em um processo de investigação científica diz respeito à metodologia. Fiz a escolha pelo modelo qualitativo do tipo etnográfico por considerar que, desta forma, melhor conseguiria compreender, analisar, interpretar e entender o tema acima exposto. Opção também realizada pelas características dos instrumentos de coleta de informações que permitem um diálogo bastante interessante e desafiador com os atores do contexto a ser estudado. A etnografia é um modelo de pesquisa que tem sua origem na antropologia e, com algumas adaptações, se constituiu em um método com muitas possibilidades no campo da educação, pois permite que os professores pesquisem a sua própria ação no decorrer do processo educativo. Desta forma, este estudo se constitui em um referencial teórico aos sujeitos deste contexto particular onde ocorreram as situações estudadas.

2. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA

2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS ESCOLAS PARTICULARES DE PORTO ALEGRE

Segundo dados fornecidos pelo Sindicato dos Professores Particulares do Estado do Rio Grande do Sul – SINPRO-RS, as escolas particulares de Porto Alegre são classificadas pelos níveis de ensino, sendo 56 de Educação Infantil, 46 de Ensino Fundamental, 70 de Ensino Médio e 10 de Ensino Superior. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, em seu artigo 19, define como entende as instituições particulares e, no seu artigo 20, estabelece como as categoriza:

Art. 19. As instituições de ensino dos diferentes níveis classificam-se nas seguintes categorias administrativas:

II - privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado.

Art. 20. As instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias:

I - particulares em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado que não apresentem as características dos incisos abaixo;

II - comunitárias, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade;

III - confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior;

IV - filantrópicas, na forma da lei.

As principais características das escolas particulares de Ensino Médio de Porto Alegre estão relacionadas aos fatores econômicos que as envolvem. Diferentemente das instituições públicas de ensino, que dependem de vontade política e de investimentos do Estado, as escolas privadas possuem recursos próprios que são provenientes das mensalidades pagas pelos alunos, podendo, assim, investir

em propostas pedagógicas mais atualizadas e na melhoria de suas estruturas físicas, possibilitando melhores condições de formação dos seus alunos.

A mensalidade de cada escola é definida por vários fatores, entre eles estão o número de alunos, o espaço físico da instituição, o valor hora/aula que compõe o salário dos professores e funcionários, os projetos que são oferecidos e, em alguns casos, a localização. Como os valores pagos pelas famílias, que fazem esta opção para a educação de seus filhos, são bastante elevados, as mesmas devem pertencer às classes sociais mais altas da população.

Na última década, houve um aumento significativo no número de escolas particulares, principalmente de instituições laicas, ameaçando a hegemonia das anteriores que eram predominantemente confessionais. Este fato trouxe ao ramo da educação uma visão mercadológica, atribuindo um caráter empresarial e estabelecendo uma forte concorrência entre as mesmas. Com as novas opções de instituições que foram se constituindo, as famílias passaram a ter a possibilidade de escolher aquelas que mais se adaptam aos seus interesses e necessidades. Este aspecto, somado a outros como a diminuição do poder aquisitivo da população em geral, os elevados valores das mensalidades escolares e a expectativa de melhorias no ensino público, provocou, nos últimos anos, uma redistribuição e conseqüente redução do número de alunos nas escolas que já existiam, obrigando-as a procurarem diferentes meios para a sua manutenção.

Como alternativas no sentido de melhorar a qualidade do ensino e atrair mais alunos, as escolas passaram a investir em novos projetos pedagógicos, na capacitação dos professores e em atividades extracurriculares. São oferecidos diversos programas complementares em diferentes áreas, tais como: música, teatro, artes, esportes, informática e línguas estrangeiras. Fazer com que os alunos permaneçam mais tempo junto à escola, proporcionando aos pais a tranqüilidade de ver seus filhos em ambientes seguros, aumentar a arrecadação e diferenciar seu ensino daquele oferecido pelas instituições públicas são alguns dos objetivos destas atividades. No que diz respeito à capacitação dos professores, são promovidos pelas escolas, no final ou no início de cada ano letivo, seminários ou cursos de atualização pedagógica com o objetivo de aproximá-los dos temas mais polêmicos em educação e de

solucionar problemas internos que possam ocorrer. Em relação aos novos projetos pedagógicos, as escolas estão procurando adaptar seus currículos, conteúdos, avaliações e metodologias às modernas concepções e teorias educativas sem, no entanto, fugir às suas filosofias institucionais.

Estas medidas, porém, atingem somente a comunidade interna da escola que participa ou tem contato diariamente com este ambiente e está de alguma forma envolvida no processo. Preocupadas com a divulgação do trabalho realizado internamente, também para o público externo, as escolas, nos últimos anos, têm investido na contratação de empresas especializadas em propaganda, para planejarem e executarem grandes campanhas publicitárias nos principais meios de comunicação. Mas, apesar deste enorme esforço, a sociedade ainda estabelece uma forte vinculação da qualidade do ensino oferecido com o número de aprovados nos concursos vestibulares das principais universidades do Estado.

Avalio que o corpo docente das escolas particulares de Ensino Médio é composto por professores na sua maioria bastante qualificados e com larga experiência profissional. Entretanto, a capacitação e a qualificação dos professores não são garantias da manutenção do emprego, pois, a cada ano, com a redução do número de alunos e conseqüente diminuição do número de turmas, há uma constante ameaça de demissão, acarretando uma insegurança e instabilidade ao professorado.

Na área da Educação Física, encontramos professores que atuam nas diferentes manifestações esportivas da escola. Há aqueles que trabalham com o esporte como conteúdo da disciplina curricular, aqueles que são técnicos das escolinhas e equipes dos programas esportivos extracurriculares e aqueles que trabalham em ambas.

Há ótimas condições materiais no que se refere a bolas, redes, tabelas, goleiras e a estrutura física para a prática esportiva é ampla e apropriada para o bom desenvolvimento tanto de atividades de treinamento e competição, como de aulas regulares. Fato também constatado por Molina Neto (1996):

Na escola particular este item não assume relevância significativa, pois, de modo geral, as escolas particulares são bem dotadas de recursos físicos e materiais. (Molina Neto, 1996: 75).

As modalidades esportivas que mais se adaptam aos locais disponíveis na escola são o handebol, o basquetebol, o voleibol, o futsal, o futebol, o judô e, em alguns casos, a ginástica de aparelhos, por isso são as mais desenvolvidas pelos professores. Porém, segundo Darido (1997), o motivo que leva os professores a optar por estas modalidades podem ser variados e não apenas porque os locais são mais apropriados. Podem variar em função da influência da mídia ou mesmo porque os professores tenham experimentado por mais tempo e com mais intensidade as experiências esportivas em relação a outras práticas corporais.

Como já foi mencionado anteriormente, há algumas escolas que oferecem, além das atividades esportivas curriculares, programas esportivos extracurriculares, tendo como um dos seus objetivos formar equipes que representem seus colégios em competições em nível escolar promovidas pelas diferentes federações ou por empresas particulares.

Hoje a participação dos professores de Educação Física nas decisões pedagógicas é fundamental e suas contribuições são bastante significativas porque revelam outras características dos alunos que não as apresentadas na sala de aula. As escolas, no discurso, valorizam o esporte porque acreditam que o mesmo proporciona aos alunos uma formação mais ampla e aumenta o vínculo afetivo do aluno com a escola. Porém, na prática, percebemos que ainda encontramos enormes dificuldades de aceitação. A confirmação deste discurso pode ser encontrada em um material publicitário de uma das instituições privadas de ensino de Porto Alegre que diz que “a prática esportiva ganha importância fundamental no desenvolvimento do aprendizado, bem como na formação da personalidade dos alunos. O esporte, com a orientação adequada, auxilia decisivamente no desenvolvimento de valores como: espírito de equipe, solidariedade, amizade, disciplina, criatividade, autonomia, superação e respeito, além de uma conduta saudável com relação à vida”.

2.2 CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DA ESCOLA PARTICULAR.

Nesta seção apresento as características que percebo serem comuns aos alunos de Ensino Médio das Escolas Particulares de Porto Alegre. Da mesma forma que as escolas, as características que os definem estão relacionadas às questões sócio-econômicas. São alunos que pertencem às classes média, média alta e alta e estão situados em uma faixa cronológica que, em geral, vai dos catorze aos dezenove anos de idade.

Por pertencerem às classes mais elevadas, não precisam trabalhar durante sua vida escolar e podem dedicar-se exclusivamente aos estudos. Quando trabalham, o fazem por iniciativa própria, não por necessidade. Portanto, a grande maioria dos alunos das instituições privadas de ensino fazem da atividade escolar sua principal e mais importante atividade diária. A boa condição financeira familiar possibilita, ainda, que tenham acesso a uma variedade de informações e conhecimentos, seja através dos meios de comunicação como a Internet, a televisão a cabo ou através de viagens e cursos complementares à escola.

A passagem do Ensino Fundamental para o Médio é bastante significativa e carrega consigo notáveis mudanças nos alunos em termos comportamentais. Percebe-se, nos alunos do primeiro ano, uma certa euforia por agora pertencerem ao grupo dos “mais velhos” e, por isso, se tornarem um pouco mais independentes e autônomos nas suas atitudes. Já os do terceiro ano acreditam apresentar maior maturidade e, portanto, consideram-se superiores a todos os demais colegas da escola.

Com a proximidade da conclusão do Ensino Médio, muitos alunos do terceiro ano freqüentam, paralelamente, cursos preparatórios para os exames vestibulares que podem ser realizados, atualmente, na própria escola, através dos “terceirões” ou em instituições especializadas, chamadas de “cursinhos”.

Outro aspecto importante neste nível de ensino é a pressão psicológica sofrida pelos alunos, exercida pela família e até pela escola, promovendo a necessidade de aprovação no vestibular para manter, desta forma, a ordem social e fazer retornar os

investimentos realizados até então com o ensino privado o qual acredita-se ser mais qualificado.

No cotidiano, em contato com os alunos, percebe-se a idéia, bastante presente entre eles, de que todo seu futuro será definido com o exame vestibular. Isto os deixa extremamente ansiosos e nervosos porque devem tomar uma decisão que, segundo eles, se prolongará para o resto de suas vidas. Nota-se, também, que os alunos selecionam determinadas disciplinas e as elegem como sendo mais relevantes para sua formação, visto que as mesmas são contempladas nas provas de seleção para a entrada no Ensino Superior. As demais são vistas com menor importância, causando desinteresse e desmotivação porque não são importantes para o seu ingresso na universidade. Os alunos nesta fase são bastante imediatistas, buscam a aplicabilidade do conteúdo desenvolvido. Como o esporte e a Educação Física não correspondem a este imediatismo, são de certo modo desprestigiados.

Na maioria das escolas, os alunos organizam-se através de associações ou grêmios estudantis onde podem discutir os assuntos pertinentes aos seus interesses. Algumas ainda são responsáveis pela elaboração e execução de diversas atividades como: gincanas, festas, jogos interséries, olimpíadas esportivas e culturais, concursos musicais, entre outras.

Quanto à prática de esportes, podemos perceber que os alunos participam e vivenciam diversas atividades, graças à boa condição financeira que permite a compra de materiais específicos apropriados e o pagamento da mensalidade em clubes e academias. Na escola, devido ao espaço físico restrito a algumas modalidades, eles têm a possibilidade de praticar os esportes coletivos mais tradicionais, enquanto que, fora do ambiente escolar, nos clubes, academias, praças, parques, praias e na rua, eles têm a oportunidade de participar de atividades bastante diversificadas que abrangem predominantemente os esportes individuais, como: surfe, *skate*, caminhadas, corridas, *jiu-jitsu*, judô, rapel, ciclismo, remo, *rafting*, natação, tênis, vela, dança e os diferentes tipos de ginástica.

A iniciação esportiva, para muitos alunos, acontece nas aulas de Educação Física que, pela impossibilidade de continuidade, pela falta de uma sistematização de treinamento e por não ter como objetivo a formação de atletas, encaminha os que se

destacam para as equipes representativas da escola que posteriormente os orientam para os clubes a fim de encontrarem uma maior especificidade e regularidade de treinamento.

Para Greco & Benda (1998) “o desenvolvimento da forma esportiva em qualquer um de seus modos de expressão obedece a um processo planejado e sistemático que se inicia na infância e, mais precisamente, na escola”.

2.3 O ESPORTE ATUAL

Devido aos avanços tecnológicos, principalmente nos meios de comunicação, milhões de pessoas, independente do nível sócio-econômico e cultural, participam de atividades esportivas formais, institucionalizadas, ou não-formais, diretamente, como praticantes, ou indiretamente, como espectadores. Os grandes eventos esportivos, como os jogos olímpicos ou as copas do mundo de futebol, são os maiores exemplos do alcance que o esporte pode ter quando alimentado pela mídia.

Podemos caracterizar o esporte, de acordo com os objetivos e as finalidades a que se propõe, em duas correntes: o esporte-espetáculo e o esporte-prática. O primeiro está fortemente vinculado ao modelo olímpico e tem como fim o resultado, o alto rendimento e a competitividade, levando os seus praticantes à profissionalização. Por estas características, é também denominado de esporte de rendimento ou de resultado. O segundo aborda as demais formas de manifestação do esporte que tem como característica finalidades lúdicas, educativas, higiênicas e de lazer, sendo, no entanto, fortemente influenciado pelo modelo anterior. É importante salientar que a existência de um não exclui a do outro e vice-versa. As características presentes em um determinado modelo podem também coexistir no outro. O que há é a predominância de alguns aspectos de acordo com o tipo de esporte que está sendo desenvolvido. Os objetivos não são os mesmos. É evidente que o esporte – espetáculo também educa. No entanto, neste modelo, o objetivo principal é a competição, ou seja, a vitória.

Hoje podemos perceber que o esporte transformou-se em um dos maiores fenômenos sociais da atualidade e, através das suas diferentes vertentes e intencionalidades, estabelece relações com as demais instituições da sociedade moderna como: as econômicas, familiares, políticas, religiosas e educacionais. (Carravetta, 1997).

Graças ao interesse de alguns grupos sociais no desenvolvimento do modelo esportivo de elevado rendimento, o esporte passou a não ter mais um valor em si mesmo. Seu valor passa a ser extrínseco, tornando-se um instrumento poderoso de influência social e podendo ser, facilmente, manipulado para os mais variados fins. (Santin, 1996b).

Molina Neto (1996) atenta para esta questão dizendo que o esporte tem sido utilizado por alguns países como estratégia de propaganda política e instrumento de manipulação de massas e tem trazido à indústria do esporte e ao mercado, por ele envolvido, um desenvolvimento a passos céleres. Embora fique mais evidente para todos a exploração do esporte feita pelas esferas políticas e econômicas, outras instituições, com menor poder de influência na sociedade, também o utilizam em benefício próprio.

Cabe ao Comitê Olímpico Internacional, órgão máximo da hierarquia esportiva, a regulamentação do esporte internacional através da Carta Olímpica, que expressa o código que resume os princípios fundamentais, as normas e os textos de orientação que, por sua vez, orientam as Federações internacionais, que repassam às Federações nacionais, e estas últimas, aos clubes e instituições esportivas. (Carravetta, 1997: 65)

Santin (1996b), baseado na regulamentação esportiva, identifica três diferentes tipos de praticantes do esporte. O primeiro é aquele que respeita todas as regras, performances, rendimentos, tabelas de classificação e obedece totalmente à legislação internacional, sendo, pelo autor, denominado de praticantes do esporte científico. O segundo é formado por aqueles que estão no extremo oposto ao primeiro. Colocam o esporte como uma criação lúdica, como um brinquedo, não havendo a mínima preocupação com as regras, o local ou com o rendimento. O terceiro situa-se entre os dois, onde a ingenuidade do brinquedo não é aceita mas

também não existe o rigor do cumprimento de toda legislação e a performance atlética é substituída por um alto grau de satisfação pessoal.

Atualmente é crescente o interesse demonstrado por profissionais dos diferentes campos do conhecimento em relação ao esporte. Hoje, podemos observar que as equipes esportivas de alto rendimento são compostas por profissionais de diversas áreas de atuação, como: médicos, fisiologistas, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, nutricionistas, publicitários, administradores, advogados, além dos professores de educação física. Esta diversificação profissional deu origem às chamadas equipes multidisciplinares onde ocorrem a especialização e a fragmentação do saber esportivo. Cada componente da estrutura organizacional esportiva domina um determinado tipo de conhecimento e exerce função específica dentro da equipe, contribuindo, dentro das suas possibilidades, para o alcance dos objetivos finais que são os resultados positivos nas competições. Porém, um dos obstáculos a ser enfrentado é definir como estes profissionais vão interagir com os diferentes conhecimentos que detêm.

Apesar das transformações que tem sofrido no decorrer da história, o esporte tem mantido uma relevante importância enquanto manifestação cultural. Portanto, sendo um elemento da cultura corporal, tem como uma de suas possibilidades os ambientes escolares.

2.4 O ESPORTE NA ESCOLA PARTICULAR

O esporte na escola tem sido objeto de estudo de muitos professores de Educação Física numa clara tentativa de entender e compreender o seu sentido e sua relação com os processos de formação educativa dos alunos. Há uma necessidade de justificar a presença do esporte no ambiente escolar e sua importância para a comunidade que dele se utiliza. Idéia que podemos perceber nas palavras de Molina Neto:

É importante que se relacione e se contextualize este esporte no âmbito da escola, enquanto instituição e campo de vivência social. É preciso lançar luzes neste palco, a fim de encontrar a razão e a necessidade dessa prática para o aluno, para a escola e para a sociedade (Molina Neto, 1996: 27).

Porém, a vinculação do esporte com a educação não é atual e pode ser identificada desde o surgimento das escolas na Idade Média. Encontramos relatos de que, já neste período histórico, acreditava-se que, para a formação e educação completa e ideal do cidadão, três aspectos importantes deveriam ser desenvolvidos: os intelectuais, os morais e os físicos. (Gerber, 1971: 49). É evidente que as atividades esportivas e o sistema educacional da época não tinham o mesmo sentido de agora nem representam os mesmos modelos, mas pode ser notado que, mesmo naquele momento, os métodos de treinamento e os objetivos eram bastante semelhantes aos atuais porque exigiam regularidade, fortaleciam o corpo, desenvolviam habilidades necessárias à vida e visavam à formação de um sujeito integral.

No Brasil, após o fim da Segunda Guerra Mundial e influenciado pela cultura européia, o esporte entra na escola por intermédio de uma forte corrente esportiva que ocorreu na Educação Física, encontrando nos seus professores grande receptividade. (Caparroz, 1997).

A partir deste momento, o esporte foi conquistando cada vez mais espaços e foi constituindo-se como conteúdo predominante nas aulas de Educação Física, substituindo os métodos ginásticos até então utilizados, pelos métodos do treinamento esportivo.

...paulatinamente, o esporte se impõe a EF, ou seja, instrumentaliza a EF para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. (Bracht, 2000; XV).

Esta forma de entrada da instituição esportiva no currículo da Educação Física escolar é duramente criticada por diversos autores, principalmente nos anos 80, porque, para eles, os valores e as relações que são desenvolvidos na prática esportiva como o rendimento, a competição e a valorização dos melhores, não estão

de acordo com os princípios da educação escolar, que seriam os princípios da inclusão, da cooperação, da diversidade e da participação.

Segundo o Coletivo de Autores, chegamos a um ponto onde temos o esporte **na** escola e não o esporte **da** escola:

Essa influência do Esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o Esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas, etc. (COLETIVO DE AUTORES, 1992: 54).

A partir desta perspectiva, inicia-se uma série de debates no meio acadêmico que, após um período de latência, ressurge com relativa intensidade nos dias de hoje. Para alguns autores, o esporte só faz sentido no ambiente escolar se passar por uma série de adaptações, o que resultaria em um esporte diferenciado, que seria então o esporte da escola. Kunz (2000) alerta para a necessidade de ocorrer uma “transformação didático-pedagógica do esporte”, pois considera que, em todas as possibilidades de manifestação do esporte na sociedade, ele pode assumir um caráter educacional. Por isso, entendendo que a escola é por excelência o lugar social específico onde a organização da situação educativa é formal, acrescenta:

O problema é descobrir que compromisso educacional a encenação pedagógica do esporte deve assumir quando da presença de um educador e no espaço escolar. (Kunz, 2000; 73)

Bracht (2000) aponta na mesma direção, dizendo que, com as críticas, não se pretende retirar o esporte do ambiente escolar mas que, para sua permanência, é preciso tratá-lo pedagogicamente. Gaya (2000) discorda desta visão e não compartilha da idéia de que o desporto como conteúdo da Educação Física escolar necessite ser reformulado. Ainda no entendimento do referido autor, minimizar as categorias centrais do esporte como o rendimento e a competição não trariam

alterações significativamente relevantes. Entendendo o esporte como uma expressão da cultura, questiona:

Se o objetivo do esporte na escola é a apropriação da cultura esportiva porque devo redesenhar sua configuração ? (Gaya, 2000; X)

Castellani Filho (1998) também apresenta posição favorável ao esporte escolar e considera que os críticos do esporte na escola se baseiam apenas em seus aspectos negativos, não atentando para os pontos positivos que podem ser desenvolvidos a partir do seu entendimento enquanto elemento sócio-cultural.

... a constatada esportivização da Educação Física escolar tem trazido como consequência, o fortalecimento de posturas equivocadas, que acabam por desconsiderá-lo como conteúdo dela. Não atentam – os responsáveis por tais posturas – para o fato de que a sua desesportivização tem que ser compreendida como uma crítica à mentalidade esportiva prevalecente na escola, responsável por concebê-la como uma instituição privilegiada para servir de locus aos objetivos próprios à instituição esportiva (em última instância, a otimização do rendimento físico-esportivo), e não como uma crítica ao esporte, prática social – portanto construção histórica – que, dada a significância com que marca a sua presença no mundo contemporâneo, caracteriza-se como um dos seus mais relevantes fenômenos socioculturais. (Castellani Filho, 1998: 43)

Entendo que o esporte não precisa alterar sua configuração nem sofrer alterações para ser um elemento gerador e potencializador de inúmeras aprendizagens e intervenções na escola, tanto para professores e alunos como para toda a comunidade escolar. Contudo, percebo a necessidade de uma reflexão teórica mais aprofundada no cotidiano das aulas de educação física. Acredito que o esporte, na forma em que está constituído na sociedade, pode contribuir muito, através da reflexão, para o desenvolvimento de uma postura crítica por parte dos alunos, sendo a escola o espaço mais apropriado para este debate. Porém, o que temos hoje nas aulas desta disciplina escolar é uma simples prática esportiva que acaba por tentar reproduzir o esporte espetáculo, contribuindo para torná-lo ainda mais hegemônico. Então, o que penso que deva ser modificado é a postura do professor que, em não estando preparado para realizar uma abordagem crítica e estabelecer uma discussão com seus alunos sobre o esporte, assume uma postura pouco adequada, chegando a

ser motivo de ridicularização e menosprezo por parte dos alunos e do grupo docente da escola. É o famoso “larga a bola” que todos nós conhecemos. Para Darido (1997), tal atitude tem trazido consigo, inclusive, uma inquietação por parte dos próprios professores que sentem que seu papel de educador fica diminuído. O professor passa a ser o administrador do espaço, do material e o apaziguador dos conflitos que possam vir a ocorrer. Pergunto: qualquer pessoa da escola não poderia fazer o mesmo? Há necessidade de formação específica na área para a realização deste modelo de aula? Qual conhecimento o professor apresenta aos seus alunos? Portanto, penso que as transformações devem ser relativas à metodologia de ensino dos esportes na escolas e não no esporte em si.

Todo o profissional de Educação Física deve ter claro, ao lecionar, quais são os objetivos que persegue com cada conteúdo que desenvolve, qual é a contribuição que deve oferecer e deixar aos seus alunos. Para que isso ocorra é fundamental que esse profissional tenha um referencial teórico que lhe dê suporte. (Neuenfeldt & Canfield, 2001; 29)

Do mesmo modo, entendo que os professores não devem ser os únicos responsabilizados por assumir tal postura. A escola, com sua estrutura extremamente tradicional, tem contribuído para o enfraquecimento de outras possibilidades que não as intelectuais. Da mesma forma, a formação do profissional tem estado distante da realidade escolar.

Após a entrada do esporte na escola, outros aspectos passaram também a receber duras críticas, levando a novas divergências em relação à metodologia de ensino do esporte enquanto conteúdo da Educação Física escolar. Professores que trabalhavam com o desenvolvimento dos fundamentos esportivos, com a execução dos gestos básicos de cada modalidade esportiva, com o método parcial, foram criticados por colocarem o esporte como fim do processo de aprendizagem. Eram chamados de tecnicistas porque o importante para eles era o desenvolvimento de habilidades que permitissem a mecanização dos movimentos básicos para a realização do esporte. Do outro lado se colocavam aqueles que defendiam que a técnica não deveria servir como objetivo final e que o mais importante deveria ser a formação do aluno enquanto pessoa humana. Neste grupo encontravam-se os

professores que trabalhavam com os jogos esportivos coletivos e com o método global.

O que se criticou e se critica então, é a subordinação inconsciente não à técnica enquanto tal, mas a finalidade a qual determinada técnica está a serviço.(Bracht, 2000; XVII)

O que acabou acontecendo é que os professores, com medo de serem rotulados de tecnicistas, acabaram por adotar o jogo como metodologia, porém o jogo pelo jogo, sem nenhuma intervenção pedagógica.

Hoje, o esporte, no Ensino Médio das escolas particulares, apresenta-se claramente estruturado de duas formas distintas. A primeira diz respeito ao esporte como conteúdo da disciplina de Educação Física. Este caracteriza-se por utilizar-se dos jogos coletivos desportivos como metodologia e por buscar aspectos como: respeito às individualidades e limitações dos alunos, por evitar a seletividade e a hipercompetitividade, por não valorizar o rendimento, mesmo que mínimo, a performance, e o desempenho atlético, por promover a socialização, o prazer, a amizade, a participação e os valores morais e éticos e por não dar ênfase aos gestos técnicos individuais dos alunos nem obedecer fielmente à regulamentação esportiva. A segunda forma de manifestação do esporte no âmbito escolar acontece através das equipes esportivas escolares. São equipes formadas por grupos de alunos que se destacam nas aulas de Educação Física em alguma modalidade ou por atletas de clubes que estudam na escola. Têm como objetivo representá-la nas diferentes competições escolares e suas características são praticamente opostas às da primeira. Utiliza a metodologia do treinamento desportivo que envolve as repetições e mecanização dos gestos técnicos, estimula a competição e a seletividade valorizando a vitória e as individualidades, dá ênfase ao resultado, ao rendimento, à performance e ao desempenho como objetivo final e segue as regras oficiais das federações nacionais e internacionais. No entanto, em raras oportunidades, converge em alguns aspectos relacionados ao lado mais humanista que inclui os valores como respeito, solidariedade e amizade.

A legislação educacional brasileira, baseada em recomendação do Conselho Nacional do Desporto, CND, adota o seguinte conceito para o desporto educacional:

O Desporto Educacional, serviço público assegurado pelo Estado, dentro e fora da Escola, tem como finalidade democratizar e gerar cultura, através de modalidades motrizes de expressão da personalidade do indivíduo em ação, desenvolvendo este indivíduo, numa estrutura de relações sociais recíprocas e com a natureza, a sua formação corporal e as próprias potencialidades, preparando-o para o lazer e o exercício crítico da cidadania, evitando a seletividade, a segregação social e a hipercompetitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária. (Castellani Filho, 1998:11)

Com base neste conceito e reconhecendo a importância do esporte nas escolas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20/12/96, LDB, inclui no seu artigo 37 o seguinte texto:

Os sistemas de Ensino promoverão, em todos os níveis:

I – o desporto educacional e as práticas esportivas não-formais tendo como objetivo a formação integral para a cidadania e o lazer, evitadas as características de seletividade e competitividade de outras manifestações esportivas.

Em contrapartida à legislação que apóia o esporte escolar, os Governos não disponibilizam recursos financeiros para a verdadeira implantação, nas escolas públicas, de um projeto esportivo em nível estadual e nacional. As escolas particulares, por outro lado, se apropriaram do esporte utilizando-o como fator que as diferencia das instituições públicas, como estratégia de marketing e como forma de promover e estreitar o vínculo com os alunos.

As competições esportivas escolares em Porto Alegre contam com o apoio das Federações e da iniciativa privada. Muitas escolas promovem ainda competições internas entre as turmas e olimpíadas entre as escolas de mesma confessionalidade.

2.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO

O ser humano é um ser que aprende diversas coisas em diferentes e inúmeras situações. Portanto, é importante esclarecer que as considerações que serão apresentadas nesta seção dizem respeito à educação escolar que foi se constituindo ao longo do tempo como a mais reconhecida socialmente, mas que constitui apenas um tipo particular de aprendizagem entre muitos outros.

Devido aos avanços tecnológicos nos meios de comunicação, principalmente na área da informática, as informações são levadas de um ponto a outro do planeta em questão de segundos. Isto faz com que muitos autores afirmem que estamos vivendo na era do conhecimento e da informação. Em contrapartida, a educação escolar passa por uma de suas piores crises exatamente pelo fato de não conseguir absorver com a mesma rapidez os conhecimentos novos que são produzidos a cada momento e que são colocados a nossa disposição através, por exemplo, da Internet.

Os modelos educacionais são bastante antigos e não conseguem se adaptar às novas realidades do cotidiano, tornando-se desatualizados e descontextualizados. Delval (2001) afirma que:

... enquanto muitos aspectos da vida social e das formas de vida mudaram de uma maneira substancial nos últimos séculos, a atividade escolar continua sendo muito semelhante ao que se pratica desde tempos remotos. Assim, a vida social, a organização política, o trabalho ou o ócio modificam-se rapidamente, sem que a educação seja capaz de adaptar-se a essas mudanças (Delval, 2001: v).

As conseqüências decorrentes deste fato são responsáveis pelas atuais críticas aos sistemas de ensino de vários países em todo o mundo. As críticas referem-se às estruturas, aos conteúdos, às relações pessoais, às metodologias, às avaliações e a todos os demais aspectos que envolvem o processo da aprendizagem escolar.

Entretanto, a mais contundente e a que está na raiz dos demais problemas da educação é a crítica que se faz em relação ao tipo de conhecimento que é trabalhado nas instituições escolares e a forma como é desenvolvido. É preciso que a escola perceba que sua função vai além da transmissão do conhecimento científico e que

este não é o único necessário e nem sempre o mais importante para a formação dos indivíduos da sociedade atual. É necessário que se preocupe também com a transmissão dos valores culturais, sociais e morais construídos pela humanidade. Assim, elementos da cultura corporal como o esporte podem encontrar seu papel no espaço da escola. Uma educação voltada não apenas para o trabalho e que não priorize apenas uma etapa da vida mas que prepare também para o ócio, por exemplo. É preciso valorizar outros tipos de conhecimento que fazem parte da complexidade do ser humano. A escola, alheia ao atual contexto social, continua fortemente vinculada ao modelo científico. Greco (1994) afirma que:

Quanto de tecnicismo e de cientificismo existe hoje, sobretudo na nossa conformação escolar, onde, sob escancarada inspiração positivista, preparam-se agentes técnicos de produção e não seres humanos de visão integral (Greco, 1994: 46).

Concordo com o autor e acredito que precisamos anexar ao paradigma científico, fundamentado na certeza, que dominou o pensamento educacional até o momento, novas formas de pensamento, que admitam as emoções, os erros, o reconsiderar, a ilusão e que sejam baseados em um novo paradigma que está fundamentado na incerteza e no pensamento complexo. Para Morin (2000: 19), “ a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão”.

Para isso, precisamos romper com a principal característica do paradigma científico que é o reducionismo do todo em partes. Este princípio de redução encaminha naturalmente a restringir o complexo ao simples. Para Greco:

A redução do todo ao conjunto das suas partes e o desmembramento delas em outras cada vez menores, se não acompanhada de um antídoto amplificador de visão, leva a um processo contínuo e interminável de análises sucessivas que parece tender para o ‘saber tudo de quase nada’. (Greco, 1994: 55)

Morin (2000), quando se refere ao reducionismo, afirma que o princípio da redução aplica as complexidades vivas e humanas à lógica mecânica e determinista da máquina artificial, podendo cegar e excluir tudo aquilo que não seja quantificável

e mensurável, eliminando, dessa forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias.

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade surgem como modelos que visam a corrigir os problemas ocasionados pela fragmentação, compartimentalização ou disjunção do conhecimento que se observa atualmente. Porém, são estudos bastante recentes, não se tratando de termos cujos significados gozam de total consenso (Santomé, 1998). Mas, mesmo sem existir maior clareza em relação aos conceitos, é possível verificar que existe uma tentativa de ver o conhecimento como ele realmente acontece. Os fenômenos da natureza não ocorrem separados por disciplinas. Para Jean Piaget (in Santomé, 1998: 70), a interdisciplinaridade é o segundo nível de associação entre disciplinas (antes seria a multidisciplinaridade), em que a cooperação entre várias disciplinas provoca intercâmbios reais e a transdisciplinaridade seria a etapa superior de integração, que trata de um sistema total, sem fronteiras entre as disciplinas. Segundo Greco (1994), a interdisciplinaridade exige não apenas a união entre disciplinas mas uma mudança de atitude humana, de humildade, de senso de partilha e de cooperação. Demonstra tal sentimento quando afirma que:

Em educação, por exemplo, pode passar pelos processos mais variados, integrando currículos, programas e projetos, envolvendo elaborados estudos de integração de áreas afins e tudo o mais que se possa imaginar em termos operacionais. Mas só será efetivamente algo novo se passar 'por dentro das pessoas', quebrando as barreiras humanas, estabelecendo verdadeira comunicação, aplacando vaidades e mesquinhas, abrindo as fronteiras do conhecimento aos não iniciados e aceitando a participação incondicional de todos os verdadeiramente interessados (Greco, 1994: 78).

Penso que um programa interdisciplinar deve reconhecer a incapacidade biológica dos indivíduos de conhecer o todo e, ao mesmo tempo, deve estimular a interação dos conhecimentos através de um sistema avançado de comunicação interpessoal, sem barreiras e, principalmente, sem relações de poder entre os saberes, diminuindo ou eliminando, assim, a hierarquia de conhecimentos que existe nos dias de hoje.

Alguns autores, entre eles destaco Howard Gardner e Edgar Morin, encaminham elementos cuja contemplação será necessária na educação do futuro. Gardner (1999) propõe que a educação deve voltar-se para o entendimento e o conteúdo a ser desenvolvido deve basear-se em três aspectos que são o verdadeiro, o belo e o bom:

Na minha paisagem educacional, as perguntas são mais importantes que as respostas; o conhecimento e, principalmente, o entendimento devem emanar da constante exploração de tais perguntas. Não peço um estudo do verdadeiro, do belo e do bom, por saber com certeza no que consistem essas coisas. Organizo minha apresentação em torno desses tópicos porque eles motivam os indivíduos a instruir-se sobre o seu mundo e a entendê-lo;... (Gardner, 1999: 24).

Já Morin (2000), sugere sete saberes necessários à educação do futuro – As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; e a ética do gênero humano. Em síntese, propõe uma educação voltada para a compreensão dos fenômenos complexos do planeta terra, admitindo que não existe um conhecimento único e verdadeiro e permitindo um aprofundamento no conhecimento dos aspectos multidimensionais da condição humana.

Outro aspecto importante a ser considerado na educação atual diz respeito à exclusão dos alunos das principais decisões que permeiam os processos educativos. A valorização do conhecimento científico nas escolas em detrimento aos outros fez com que os valores e os demais tipos de conhecimento como o dogmático e o de senso comum trazido pelos alunos a partir de suas vivências e experiências fora da escola fossem marginalizados do processo. A escola passa a ser, desta forma, um local onde se aprende um conhecimento específico que não apresenta relação com o cotidiano dos alunos. Torna-se uma atividade monótona e desmotivante porque os alunos não têm a possibilidade de participação enquanto as atividades fora da escola revelam-se mais atraentes. Delval (2001) vai além desta perspectiva quando afirma:

A maior parte do que as pessoas aprendem, do que todos aprendemos, se aprende fora da escola. E também essas coisas são as mais importantes para a vida, para a sobrevivência mais elementar. Para a

maior parte da humanidade, inclusive os ocidentais, o que se aprende na escola constitui uma parte mínima de sua aprendizagem, que, talvez, superestimamos. Possivelmente, a importância da aprendizagem escolar deva-se, sobretudo, a seu valor como forma de seleção social, mais do que à sua utilidade para a vida (Delval, 2001: 53).

Entendo que os alunos são os principais agentes dentro das instituições escolares, portanto suas visões de mundo e do contexto devem ser contempladas na construção dos programas de aprendizagem escolar. Em todos os lugares e independentemente da instrução escolar, os sujeitos elaboram suas próprias explicações, as quais precisam ser levadas em conta se quisermos que o ensino escolar seja eficaz, pois, a partir delas, serão entendidos os conhecimentos escolares (Delval, 2001).

Acredito que uma educação democrática e não-excludente tem de ser planejada e desenvolvida com base na revisão e reconstrução do conhecimento de todos e cada um dos grupos e culturas do mundo. (Santomé, 1998).

É preciso construir práticas educacionais para que alunos e alunas desmascarem as dinâmicas políticas, históricas e semióticas que condicionam nossas interpretações, expectativas e possibilidades de intervir na realidade.

Os estudantes têm conhecimentos prévios, conceitos, experiências de vida, concepções da vida, preconceitos aprendidos fora da escola, nos contextos familiares, de bairro e especialmente na mídia. Uma escola antimarginalização é aquela na qual todo esse conhecimento prévio, quase sempre adquirido de maneira passiva, é comparado com a ajuda da crítica, construído e reconstruído democraticamente, levando sempre em consideração as perspectivas de classe social, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade (Santomé, 1998: 150).

Portanto, vejo que a educação e, conseqüentemente, a escola está precisando de reformas estruturais urgentes, para que possa contribuir decisivamente para a construção de um mundo sem injustiças, entendendo o homem em todas suas dimensões.

2.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Acredito que os debates e os problemas em educação sejam universais, devendo ser contextualizados para as características sociais e culturais de cada país. Portanto, as considerações abordadas anteriormente referem-se também aos processos educativos brasileiros. Nesta seção apresento algumas considerações referentes à educação brasileira com base na atual legislação educacional que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

O conceito de educação oferecido na LDB é bastante abrangente e faz a diferenciação entre as formas de educação, entendendo que esta não acontece apenas nos ambientes escolares mas em todos os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Considera educação escolar aquela que acontece nas instituições de ensino e pesquisa, devendo estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social.

Quanto aos princípios e finalidades, a educação nacional está inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana e tem por fim o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Onze princípios norteiam o ensino: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização do profissional da educação escolar; gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extra-escolar; e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Com relação à composição dos níveis escolares de ensino, a LDB indica dois segmentos. A educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, e a educação superior.

O ensino médio é a etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos e tem como finalidades: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

O currículo do ensino médio deve observar três diretrizes: destacar a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; adotar metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes; incluir uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação devem ser organizados de tal forma que, ao final do ensino médio, o aluno demonstre: domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; conhecimento das formas contemporâneas de linguagem; domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Quanto ao esporte, o Art. 27, inciso IV da LDB, diz que: “Os conteúdos curriculares da Educação Básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais”.

A LDB assegura a obrigatoriedade da Educação Física na educação básica e encaminha para a área um documento, os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs,

que foi elaborado e analisado por um grupo de professores contratados pelo Ministério da Educação e Cultura. Cabe neste momento uma observação quanto à elaboração dos PCNs. Não houve uma discussão aprofundada sobre a temática, o que resultou em um documento muitas vezes contraditório e apontando para inúmeras possibilidades e correntes teóricas da Educação Física.

Os objetivos dos PCNs são:

... propor, de maneira objetiva, formas de atuação que proporcionarão o desenvolvimento da totalidade dos alunos e não só o dos mais habilidosos. Aproximar o aluno do Ensino Médio novamente à Educação Física, de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos (PCN, 1999: 65).

Os PCNs, quando apresentam a relação entre a LDB e a Educação Física, afirmam:

A visão legal, quando confrontada com a realidade do ensino de Educação Física, apresenta-nos um paradoxo: a nossa prática pedagógica em pouco tem contribuído para a compreensão dos fundamentos, para o desenvolvimento da habilidade de aprender ou sequer para a formação ética (PCN, 1999: 66).

Sugerem que as metodologias e as apresentações dos conteúdos, que estão desarticuladas com as outras disciplinas e demais áreas de estudo, devam ser mais diversificadas e não se limitarem apenas aos fundamentos do esporte e do jogo.

Apontam para a forte influência do esporte no sistema escolar, responsabilizando-o pela forma descompromissada com que os alunos participam das atividades e pelo afastamento dos alunos das aulas de Educação Física e dos espaços escolares, como os pátios e as quadras. Como foi abordado anteriormente, não concordo com esta visão e penso que o afastamento dos alunos acontece por uma série de motivos que, em nada, têm a ver com a prática esportiva nas aulas. Acredito que a desmotivação dos alunos não é privilégio da disciplina de Educação Física, mas do Ensino Médio como um todo e entendo que os responsáveis por esta realidade são as abordagens descomprometidas que são dadas ao esporte escolar e a falência estrutural dos atuais modelos educacionais.

Encaminham aos professores a tarefa de recuperar o prestígio da disciplina que, segundo suas avaliações, foi perdido nas últimas décadas. Novamente discordo do apresentado porque acredito que a Educação Física, ao longo de sua história, sempre foi desprestigiada e marginalizada no processo educativo. O corpo só entra na escola porque a inteligência não pode ir sozinha (Santin, 1999). E hoje, ao contrário da análise feita, percebo que os professores estão buscando nos cursos de pós-graduação a atualização necessária para desenvolverem projetos de ação que realmente alcancem os objetivos propostos e que acabem por valorizar a Educação Física no meio escolar.

Ainda como sugestão, orientam que a Educação Física deve estar atenta aos problemas do presente, não podendo deixar de eleger como uma das suas orientações centrais a educação para a saúde. “Se pretende prestar serviços à educação social dos alunos e contribuir para uma vida produtiva, criativa e bem sucedida, a Educação Física encontra, na orientação pela educação da saúde, um meio de concretização das suas pretensões” (PCN, 1999: 68-69).

Como conclusão, apresentam um quadro com as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Educação Física no Ensino Médio: (PCN, 1999: 87).

Representação e comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal. • Assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão. • Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs. • Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre diferentes pontos de vista postos em debate. • Interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa e área de interesse social e de mercado de trabalho promissor.
-----------------------------	--

Investigação e compreensão	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o funcionamento do organismo humano de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como melhoria de suas aptidões físicas. • Desenvolver as noções conceituadas de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais. • Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma, na seleção de atividades procedimentos para a manutenção ou aquisição de saúde.
Contextualização sócio-cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão.

Como o esporte é o conteúdo predominante nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, é de se esperar que ele alcance os objetivos propostos nos PCNs e na LDB para este nível de escolarização. Portanto, se defendemos o esporte escolar, devemos encontrar soluções no sentido de possibilitarmos o encaminhamento dos alunos, através da prática esportiva, às finalidades da educação brasileira apresentadas anteriormente. Para tanto, penso que é fundamental conhecermos a percepção dos alunos sobre o esporte escolar para que eles possam interagir efetivamente na construção das propostas pedagógicas e para que tenhamos realmente um esporte articulado com as propostas pedagógicas da educação escolar.

Um aspecto particular da educação brasileira que não poderia deixar de ser considerado nesta seção diz respeito aos exames vestibulares. Entendo que, se não for maior, é um maiores problemas da educação no Brasil. Os padrões de educação no Ensino Médio brasileiro ainda têm sido em grande parte determinados e moldados pelos vestibulares. Rubem Alves (1995) assim os define: *“Os exames vestibulares se encontram entre os feiticeiros que fazem dormir muitos tipos de inteligência e entre os assassinos que matam muitas outras. São, assim, culpados de bruxaria e assassinato...”*. Concordo plenamente!

2.7 A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E EDUCAÇÃO

Nesta seção, apresento a perspectiva dos professores e dos autores que trabalham no sentido de identificar possíveis relações entre a prática esportiva e os processos educativos. Em outras palavras, pretendo verificar o sentido que os professores de Educação Física e técnicos esportivos atribuem ao esporte escolar e quais as expectativas em relação ao aprendizado que é produzido pelo esporte. Para que essa apresentação se concretize, é importante que observemos os objetivos os quais a Educação Física de Ensino Médio se propõe alcançar. Como afirmo anteriormente, o esporte, através das suas diferentes manifestações, tem se constituído, visivelmente, no conteúdo predominante das aulas de Educação Física do Ensino Médio. Portanto é de se esperar que, ao levantarmos os objetivos da disciplina e sua integração ao projeto pedagógico escolar, estaremos, do mesmo modo, identificando os objetivos do esporte e suas relações com os processos de ensino-aprendizagem escolares.

No entanto, não é objetivo deste estudo aprofundar a discussão sobre esta temática na perspectiva dos autores que trabalham com a questão. Penso que o referido debate está sempre em pauta, tanto no meio acadêmico, quanto na escola e encontra na literatura da área amplo material. O objetivo da investigação é propor uma inversão neste processo. É provocar um aprofundamento na temática, mas a partir da perspectiva dos alunos que passaram por todo o processo escolar e que receberam o esporte como conteúdo durante grande parte de suas formações. É discutir e dialogar com os pensamentos dos alunos, procurando identificar que aprendizado foi construído por eles a partir da prática esportiva na escola e qual o sentido do esporte escolar na perspectiva destes.

Para um melhor entendimento do pensamento que ora apresento, acredito que é importante, neste momento, um exemplo do contexto ao qual pertenço. É comum nos ambientes escolares dizermos que pretendemos formar alunos críticos, capazes de exercer plenamente a sua cidadania, com autonomia, com liberdade e com responsabilidade e que o esporte é capaz de contribuir na formação de um sujeito

integral. Ao mesmo tempo optamos pelas diferentes modalidades esportivas como meio de alcançarmos nossos fins, acreditando que, através da participação dos alunos nestas atividades, estaremos contribuindo para a sua formação educativa. Portanto, logicamente, podemos concluir que o pensamento dos professores é de que a prática esportiva é capaz de contribuir com os educandos no sentido de conduzi-los às finalidades da Educação Básica contidas na LDB e que foram apresentadas anteriormente.

Podemos encontrar, facilmente, na literatura da área, estudos que demonstram essa vinculação e que relatam a importância do esporte no âmbito das escolas, justificando sua presença no currículo da Educação Física, bem como seu significado na educação dos alunos.

Freitas (1998: 121) afirma que: “Imaginar o componente curricular educação física dissociado do saber desportivo é reduzi-lo a atividades corporais que, genericamente, podem estar relacionados a outras áreas de conhecimento como a ergonomia”. Sua análise segue com a afirmação de que o envolvimento real dos profissionais da educação física com o desporto é gerador desse saber desportivo e que esse é importante para ajudar a melhorar a formação cultural dos escolares.

Da mesma forma, Bonone (2000) afirma:

... o desporto faz parte da cultura de vários povos e não se pode negar sua importância na construção do caráter, em que aspectos como disciplina, dedicação, superação de obstáculos estão fortemente presentes. O que pretendo deixar claro é que o desporto é extremamente colaborador na formação pessoal do aluno e não pode de forma alguma ser retirado do conteúdo da Educação Física, por uma questão de cultura, por uma questão de educação e por uma questão de tradição. O esporte ensina, e muito!.(Bonone, 2000; 12)

Molina Neto (1996), em sua publicação, identifica, baseado na interpretação das entrevistas com os professores de Educação Física das escolas particulares e públicas de Porto Alegre, onze categorias que revelam o sentido do esporte escolar no entendimento destes. São elas: Movimento; Socialização; Desenvolvimento moral e intelectual; Superação; Saúde; Afetividade; Promoção e desenvolvimento da escola; Formação e desenvolvimento do aluno; Estrutural crítica; Estrutural alienada

e; Cultural. Posteriormente faz uma análise detalhada de cada uma delas, confrontando-as com a literatura específica.

Para o Coletivo de Autores (1992), o esporte só apresenta sentido na escola se questionado quanto a suas normas e quanto a suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica. Acreditam que o esporte escolar deva trabalhar com a questão dos valores como: cooperação, solidariedade e respeito. Devemos ainda, na visão desses autores, lutar para que tenhamos um esporte “da” escola e não o esporte “na” escola.

Em artigo desenvolvido por Darido (1998), são apresentadas quatro diferentes abordagens da Educação Física. A abordagem **desenvolvimentalista** onde acontece a aprendizagem do movimento e através do movimento, facilitando a exploração de si mesmo e contribuindo para um melhor controle e uma efetiva aplicação do movimento. A abordagem **construtivista interacionista** que considera a Educação Física como meio para atingir o desenvolvimento cognitivo e onde o jogo tem papel privilegiado por ser considerado o principal meio de ensinar. Acredita que a relação entre esporte e educação acontece a partir da resolução dos problemas motores oferecidos pelos jogos e da elaboração de estratégias de ação que são encontradas nos esportes. A abordagem **crítico-superadora**, já referida anteriormente no pensamento do Coletivo de Autores e, por último, a **abordagem sistêmica** segundo a qual a importância da aprendizagem dos conteúdos está vinculada ao uso do tempo livre de lazer, oferecendo oportunidades para o alcance da cidadania.

Segundo Garganta (1995), citado por Gaya e Torres (2001, p.126), os jogos desportivos coletivos, quando bem orientados, promovem o desenvolvimento de competências de extrema relevância no processo de desenvolvimento humano que são a cooperação e a inteligência. Para Santin, a maior força educacional do esporte está na sua potencialidade criadora:

O grande mérito do esporte educacional está na criatividade lúdica. Não se trata apenas da criatividade construtivista, enquanto constrói um conhecimento já elaborado e conduzido pelo educador ou professor, mas uma criatividade que permite iniciar do nada, com a liberdade de fazer um mundo que surge do imaginário, sem a prioris, sem regras preestabelecidas. (Santin, 1996c; 36)

O que pretendo demonstrar nesta seção é que todos nós, professores de Educação Física – este já é um pensamento que está também bastante difundido na sociedade em geral – concordamos e acreditamos, em maior ou menor grau, no poder, no potencial e na importância que o esporte tem na formação de nossos alunos. No entanto, a questão é saber se os alunos compartilham desta visão de que o esporte contribui em sua formação e que a prática do mesmo é de extrema importância e, ainda, de que o esporte “ensina, e muito”. Tenho dúvidas em relação ao pensamento dos alunos. Qual o sentido do esporte para os mesmos? Será que existe este reconhecimento por parte dos alunos quanto aos objetivos e contribuição do esporte em sua formação? De que forma os alunos entendem o esporte? A simples participação nas atividades práticas é geradora de um conhecimento da cultura corporal?

Acredito que este panorama apresenta, resumidamente, o pensamento dos diferentes autores da área sobre o esporte escolar e as suas relações com os processos educativos e nos remete a alguns questionamentos em relação à visão de que o esporte de qualquer modo proporciona um aprendizado. Pensamentos que têm influenciado muitos professores e técnicos, sendo fator de motivação para debates e encontros dos profissionais da Educação Física escolar.

2.8 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Acredito que a etapa mais difícil na realização de uma investigação científica é a definição do problema de pesquisa. Esta delimitação e definição se dá a partir de um tema amplo que vai sendo diminuído até chegar ao problema propriamente dito.(Deslandes, 1994). Esta etapa traz conseqüências a todas as outras num processo investigatório. Dada a complexidade dos fenômenos educativos e esportivos, a tarefa se tornou ainda mais complicada. O problema de pesquisa deve refletir exatamente o que o pesquisador intenciona estudar. Portanto penso que o problema deve ter sua

origem na prática cotidiana do pesquisador, pois permite o contato direto com a questão a ser analisada, além de estar relacionado com a história de vida do investigador. Neste sentido, considero que três aspectos pessoais foram importantes na construção do problema que norteou a investigação. Primeiro, minha experiência de vida que inclui minhas vivências: como aluno de escola particular onde fazia parte da equipe de basquetebol; como atleta de alguns clubes esportivos de Porto Alegre e do Estado durante 18 anos, participando das diversas manifestações esportivas, das práticas de lazer até o elevado rendimento; e como acadêmico do curso de graduação em Educação Física. Estas vivências contribuíram para que considere o esporte como o principal responsável pela minha formação pessoal. O segundo aspecto é minha experiência docente de 14 anos que se deu exclusivamente em escolas particulares e predominantemente, durante 10 anos, no Ensino Médio. Este tempo de trabalho ajudou-me a construir um conhecimento da estrutura e funcionamento das instituições privadas de ensino e a perceber uma crescente desmotivação dos alunos com os conteúdos das aulas de Educação Física. O terceiro refere-se às observações e problematizações oriundas da própria prática docente, tanto como técnico dos programas esportivos escolares, e como professor da disciplina de Educação Física. Muitos alunos questionam a importância da Educação Física em suas vidas e em sua formação. Observo, na minha prática pedagógica e na de meus colegas, que não há um comprometimento no sentido de fornecer elementos significativos que venham a contribuir para a construção de um conhecimento pelos alunos, inclusive, esportivo. As aulas transformaram-se em práticas esportivas que acabam por reproduzir o esporte apresentado pela mídia.

Em contrapartida, os professores continuam com o discurso de que o esporte é fundamental para o desenvolvimento dos alunos e que seu significado está na chamada formação integral.

Penso que a aproximação do problema apresentada anteriormente procurou fornecer elementos problematizadores e uma contextualização da temática em questão. Também demonstrou que, apesar dos alunos serem as peças fundamentais no processo de educação escolar, os mesmos sempre foram marginalizados. Estes

aspectos somados contribuíram significativamente para a construção do problema de investigação que se apresenta assim formatado:

Como os alunos do terceiro ano do Ensino Médio das escolas particulares de Porto Alegre percebem o esporte na escola e qual a relação que eles estabelecem entre o esporte e os seus processos de formação educativa?

2.8.1 Questões secundárias.

Para facilitar a construção das categorias de análise, a partir da questão principal, foram elaboradas outras questões menores. São elas:

1. Quais as formas de conhecimento mais valorizadas pelos alunos?
2. Quais as funções da escola para os alunos?
3. Que expectativas têm os alunos com a prática das atividades esportivas?
4. Qual a importância do esporte na formação dos alunos na perspectiva destes?
5. Como comparam o esporte que é praticado fora da escola com o que é praticado na escola?
6. Quais são os objetivos do esporte na escola para os alunos?

3. DECISÕES METODOLÓGICAS

Nesta seção, descrevo os referenciais teórico-metodológicos que conduziram a investigação em questão. Entendo que o desenho da pesquisa está relacionado à intencionalidade e afetividade do investigador. Portanto, a decisão por um determinado paradigma demonstra o entendimento que tenho a respeito do fenômeno que me proponho a estudar e poderá fornecer um melhor encaminhamento dos resultados obtidos no campo de estudo. Para Molina (1999), são os diferentes propósitos, aliados a diferentes perspectivas teóricas, que justificam e dão lugar a uma variedade de instrumentos e procedimentos de coleta de dados e que caracterizam os distintos tipos de saberes construídos. Por isso, esta investigação deve ser coerente com o marco teórico exposto anteriormente e com os objetivos propostos pelo investigador.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Embora não haja um consenso em relação ao conceito de pesquisa qualitativa (André, 1995), concordo com Minayo (1994) quando diz que é o tipo de investigação que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Portanto, a opção que fiz pelo estudo de corte qualitativo se dá em função do entendimento que, desta forma, melhor poderei descrever, interpretar, explicar, perceber e compreender as percepções e os significados que um grupo em particular atribui às suas práticas e vivências cotidianas, visto que a temática do estudo é a relação entre esporte e educação na perspectiva dos alunos do Ensino Médio de escolas particulares de Porto Alegre.

Outra característica que me leva a entender como uma pesquisa qualitativa é a não pretensão de generalizar os resultados obtidos no campo de investigação, mas procurar contextualizá-los para o grupo específico ao estudo em questão.

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isto significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados (Negrine, 1999: 61).

Entretanto alguns autores, como André (1995), preferem a denominação mais precisa para designar o tipo de pesquisa a ser realizada, entendendo que os termos qualitativos e quantitativos servem apenas para diferenciar técnicas de coleta de dados ou, até, para indicar o tipo de dado obtido. Concordo com André porque acredito que o termo qualitativo é bastante amplo, necessitando de uma designação mais específica. Portanto este estudo teve um viés qualitativo e foi do tipo etnográfico. A justificativa para esta opção se dá em função de permitir que os sujeitos envolvidos no problema de pesquisa possam contribuir significativamente com suas interpretações do fenômeno em que estão inseridos e porque, segundo Molina Neto (1999), “esse tipo de metodologia pode se constituir em um instrumento interessante para que os professores possam, além de produzir conhecimento a partir da prática cotidiana, refletir sobre sua intervenção nos centros escolares, como também sistematizá-la e torná-la pública”.

A etnografia tem suas origens nas pesquisas antropológicas e era desenvolvida para estudar a cultura e a sociedade. Hoje podemos perceber que um crescente número de pesquisadores da área da educação tem realizado seus estudos com o modelo etnográfico, inclusive com a denominação específica de etnografia educativa. Para isso, foram feitas algumas adaptações ao modelo desenvolvido pelos antropólogos.

Existe, pois, uma diferença de enfoque nestas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam – nem necessitem ser – cumpridos pelos investigadores das questões educacionais. Requisitos sugeridos por Wolcott (1988), como, por exemplo, uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados. O que se tem feito, pois, é uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos

estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito (André, 1995: 28).

Molina Neto (1997: 41) confere à etnografia educativa o seguinte conceito:

Um desenho de investigação que se nutre de fontes teóricas provenientes da investigação antropológica, sociológica e psicológica. É um tipo de investigação que tem uma primeira fase interpretativa, onde o investigador confronta seus conceitos éticos com os conceitos êmicos dos participantes. Revela-se de grande eficácia no estudo de universos culturais particulares, uma vez que através de entrevistas, observações e análise de documentos, orientados pelo princípio da reflexividade, expõe o processo educativo tais como ocorrem dentro de marcos sócio-culturais mais amplos.

As características apresentadas pela etnografia educativa referem-se aos instrumentos de coleta de dados que são as observações participantes, as entrevistas e a análise de documentos. Pressupõe a interação do pesquisador com um determinado grupo por algum tempo.

Outros aspectos deste tipo de investigação são referentes à ida ao campo de estudo e ao tratamento que é atribuído às informações coletadas. Sua ênfase está no processo, naquilo que está acontecendo e não no produto ou nos resultados finais. Há preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. O pesquisador deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes e aproximar-se das pessoas, das situações, dos locais, mantendo com eles um contato direto (André, 1995).

Segundo Triviños (1987: 121):

A etnografia baseia suas conclusões nas **descrições** do real e do cultural que lhe interessa para tirar delas os **significados** que têm as pessoas que pertencem a essa realidade. Isto obriga os sujeitos e o investigador a uma **participação** ativa onde se compartilham modos culturais (tipos de refeições, formas de lazer, etc.). Isto é, em outros termos, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender.

Outra característica do estudo etnográfico que considero importante é apontada por André (1995: 30):

... faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

Dadas as características da etnografia educativa, procurei desenvolver meu estudo nesta perspectiva, respeitando suas peculiaridades e tratando as informações obtidas com o rigor que é exigido pela mesma. Decidi pela pesquisa de tipo etnográfico por estar inserido no contexto que foi investigado. Em uma das escolas, onde leciono há dez anos, estudei os meus próprios alunos e observei as minhas próprias aulas. Para tanto, foi necessário fazer um estranhamento ao campo para evitar que carregasse comigo os preconceitos oriundos da prática cotidiana. Neste sentido, foi de extrema importância a realização do estudo preliminar, pois as características da escola onde o realizei eram extremamente semelhantes às que encontraria posteriormente no desenvolvimento da pesquisa. Nas outras duas escolas, tenho um conhecimento do contexto porque trabalhei durante um longo período em ambas (6 anos numa e 11 anos na outra) e estou licenciado por tempo determinado em função da necessidade de tempo para a conclusão do curso de pós-graduação. Portanto entendo que me encontrava bastante inserido no grupo que foi estudado, sendo que este aspecto é um pressuposto básico para o estudo do tipo etnográfico.

Tendo em vista o que foi acima mencionado, concordo com Triviños (1987) quando afirma que: “O valor científico de seus achados, porém, dependerá, fundamentalmente, do modo como faz a descrição da cultura que observa e que está tratando de viver em seus significados”.

3.2 OS PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em três escolas particulares de Porto Alegre e contou com a participação dos alunos do Ensino Médio. Em cada escola foi estudado um

grupo de alunos do terceiro ano e adotaram-se critérios que serão apresentados posteriormente. Selecionei alunos desta série por acreditar que estes, por estarem no último ano da escola, tiveram em sua formação um maior número de experiências esportivas, o que teoricamente faz com que possam tratá-las de forma mais crítica e permite um reconhecimento maior do sentido do esporte em suas formação escolar. Também porque, nesta série, os alunos estão bastante próximos do vestibular que descaracteriza as disciplinas que nele não são contempladas.

Indiretamente, participaram do estudo os professores das turmas em que foi realizada a investigação e os componentes da equipe diretiva e pedagógica das escolas. Todos foram comunicados da minha presença para a realização das observações e dos demais procedimentos de coleta de informações.

3.3 CRITÉRIO DE SELEÇÃO DAS ESCOLAS

Acredito que os critérios de seleção das escolas estão de acordo com o desenho metodológico apresentado anteriormente. Portanto a escolha das escolas que participaram do estudo procurou ser coerente com a caracterização da etnografia educativa, tendo em vista que este foi o modelo adotado para o desenvolvimento da investigação.

- a) Escolas com tradição no ensino da Educação Física e na prática esportiva. Este critério foi adotado a partir do entendimento de que, tendo a escola uma forte tradição no ensino dos esportes e sendo esta reconhecida pela comunidade, traria reflexos ao pensamento e às percepções por parte dos alunos que, desta forma, poderiam trazer contribuições mais aprofundadas sobre o tema.
- b) Escolas que possuam um coordenador de área e um setor de esportes específico por demonstrar a valorização do esporte na escola.

- c) Escolas próximas uma das outras para o rápido deslocamento do investigador, facilitando o processo de coleta de informações.

3.4 ESCOLAS PARTICIPANTES

As escolas onde a pesquisa foi realizada são as seguintes:

- a) Colégio IPA.
- b) Colégio Americano.
- c) Colégio Israelita Brasileiro.

O ano de 2001 foi um período com características importantes em relação às escolas estudadas. Por determinação da Secretaria Estadual de Educação, as escolas deveriam apresentar, em prazo específico, os novos Regimentos Escolares, pois os mesmos se encontravam desatualizados. Este fato levou as três escolas onde se desenvolveu a investigação a fazerem uma reavaliação e reestruturação dos regimentos, bem como de todos os projetos político-pedagógicos anteriores.

No Colégio IPA, a discussão na área de esportes e Educação Física foi bastante interessante e culminou em um seminário que aconteceu no final do ano letivo de 2001, sob o título de “ Novas Perspectivas Para o Esporte no IPA”. Dele participaram os diferentes setores e associações da escola. Foram aprovados alguns encaminhamentos a serem adotados para o ano letivo de 2002. Acredito que o ponto mais significativo foi o que retirou a Educação Física da área de Códigos, Linguagem e suas Tecnologias, como sugerido pela LDB, e constituiu uma nova área chamada de Ciências do Movimento Humano que envolve não apenas a disciplina de Educação Física como todo o Setor de Esportes. Outro aspecto importante que aconteceu no ano de 2001 nesta escola foi que os alunos que pertenciam às equipes esportivas representativas deveriam também participar das aulas de Educação Física. Até aquele momento, quem era atleta não precisava freqüentar as aulas e era avaliado

pelo técnico da modalidade que praticava. Este último processo também aconteceu no Colégio Americano. Ainda com relação ao IPA, havia duas turmas de terceiro ano no Ensino Médio e dois professores responsáveis pelas aulas. As turmas da mesma série faziam aula de Educação Física com uma frequência de duas vezes por semana, às segundas e quartas-feiras, com cinquenta minutos de duração cada. As aulas das duas turmas eram concomitantes, havendo um professor para o sexo feminino e outro para o masculino. Cada professor também contava com o trabalho de estagiários do curso de Educação Física da mesma instituição. Além das aulas de Educação Física, os alunos tinham como opção participar de treinamentos esportivos nas equipes de atletismo, futebol, basquetebol e voleibol em horários à tarde como atividade extracurricular. Muitos desses alunos eram bolsistas, ou seja, recebiam descontos em suas mensalidades por pertencerem às equipes.

No Colégio Americano, havia três turmas de terceiro ano no Ensino Médio e a grande mudança ocorrida no ano de 2001 é que cada turma realizava a aula de Educação Física sozinha, porém com um professor para cada turma, o que significa que as aulas eram mistas. Ao todo eram dois professores que trabalhavam no Ensino Médio, uma professora que trabalhava com duas turmas nos quatro primeiros períodos e um professor que trabalhava com uma turma nos dois últimos períodos. Contavam com o auxílio de acadêmicos que cursavam a disciplina de estágio obrigatório do IPA e que estagiavam no colégio. As aulas eram em dois períodos de cinquenta minutos conjugados. A frequência era de uma vez por semana, sempre as quartas-feiras, o que totalizava uma hora e quarenta minutos de aula no mesmo dia. Em relação às equipes, havia a possibilidade de opção pelo futsal, basquetebol, atletismo, voleibol e futebol. Eram também concedidas bolsas de estudo nos moldes da escola anterior.

No Colégio Israelita, as aulas eram em dois períodos de quarenta e cinco minutos cada, divididos em dois dias da semana, às terças e quintas-feiras, no último período da manhã. Havia duas turmas de terceiro ano que faziam aulas de Educação Física juntas mas divididas por gênero. Dois professores trabalhavam com as turmas. Um com o masculino e outra com o feminino e não dispunham de estagiários. Os alunos, além das equipes de basquete, futsal e voleibol, poderiam optar por participar

dos grupos de capoeira e de dança judaica. Quem praticava alguma modalidade na escola, era dispensado de participar das aulas de Educação Física. Não percebi mudanças significativas em relação aos anos anteriores.

Quanto à posição geográfica, o colégio Israelita localiza-se no bairro Santa Cecília, enquanto os colégios IPA e Americano localizam-se no Bairro Rio Branco, na cidade de Porto Alegre. O colégio IPA encontra-se distante aproximadamente 1000 metros do colégio Israelita, estando o colégio Americano entre os dois.

Já em um primeiro contato com os diretores das escolas realizado em dezembro de 2000, através de correspondência entregue pessoalmente, percebi que os mesmos demonstraram-se favoráveis ao desenvolvimento do estudo. Da mesma forma, os professores com os quais estabeleci contatos informais, mostraram-se bastante interessados a partir do momento em que apresentei o tema da investigação e solicitaram que, após concluída a dissertação, fosse entregue a eles uma cópia.

As escolas apresentam algumas características em comum. Por exemplo: são freqüentadas por alunos das classes média, média-alta e alta e possuem espaços apropriados para a prática esportiva. Contam com atividades de escolinhas esportivas e equipes de treinamento que representam a escola em diferentes competições.

As três escolas obedeceram aos critérios de seleção. São instituições com grande tradição no ensino da Educação Física e na prática dos esportes, possuem um coordenador específico para a Educação Física e esportes, pertencem à rede privada de ensino de Porto Alegre e são bastante próximas, permitindo o fácil deslocamento entre uma e outra.

3.5 CRITÉRIO DE SELEÇÃO DOS ALUNOS

A intenção inicial era entrevistar todos os alunos de uma turma de terceiro ano de cada escola. No entanto, com a ida a campo, percebi que não seria possível em função de que as turmas eram unidas na Educação Física. Por exemplo, as turmas 301 e 302 faziam aulas de Educação Física juntas, sendo separadas apenas por

gênero, o que dificultou a visualização das turmas em separado. Desta forma, o estudo com todos os alunos de terceiro ano, das três escolas que participaram da pesquisa, se tornou completamente inviável. Percebi que havia alunos que participavam das equipes da escola, outros que realizavam apenas as aulas de Educação Física, portanto, com vivências esportivas diferenciadas. Por isso, procurei selecionar, para o estudo, grupos que conseguissem abranger os diferentes sujeitos que existiam dentro do grande grupo. Em conversa com a professora Doutora Rosane Molina, colega de trabalho na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, com larga experiência em estudos nesta perspectiva, foi-me sugerido que elaborasse uma sondagem inicial na tentativa de identificar os diferentes atores do contexto a ser estudado. Elaborei, então, uma ficha de sondagem (anexo V) que foi preenchida por todos os alunos dos terceiros anos do Ensino Médio. Formaram-se quatro grupos: aqueles que não praticavam esporte na escola nem fora da escola; aqueles que não praticavam na escola, mas praticavam fora; os que praticavam na escola e fora dela e os que praticavam na escola e não fora. Na escola não foi considerada a prática na Educação Física como sendo atividade esportiva. Após estabelecidos os grupos, selecionei dois alunos de cada grupo e de cada gênero, aleatoriamente.

3.6 NEGOCIAÇÃO DE ACESSO

O primeiro passo para a permissão de minha entrada nas escolas foi realizado no período de dezembro de 2000, quando mantive contato pessoal com os diretores das escolas e entreguei-lhes uma carta (Anexo II) contendo as informações básicas referentes ao estudo em questão. Todos se demonstraram interessados em conhecer o projeto de pesquisa e encaminharam um próximo contato a ser agendado no final do mês de fevereiro de 2001, antes mesmo do reinício das aulas.

Após ter sido permitido oficialmente meu ingresso nas escolas, os passos seguintes foram: o estabelecimento de encontro formal com os professores que

tiveram suas turmas observadas e um encontro com os alunos que participariam do estudo de investigação.

Coloquei à disposição de cada escola uma cópia do projeto de pesquisa para que qualquer um dos envolvidos tivesse acesso aos objetivos, à natureza do trabalho e às suas finalidades.

3.7 INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Respeitando as características da etnografia educativa, assim como o desenho da pesquisa e o problema a ser investigado, utilizei como instrumentos de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, a observação participante, a análise documental e o diário de campo.

3.7.1 A entrevista semi-estruturada

Vários autores destacam a entrevista como um dos principais instrumentos de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Cruz Neto (1994) entende-a como procedimento mais usual no trabalho de campo. André (1995) diz que a finalidade da entrevista está em permitir o aprofundamento das questões e esclarecer os problemas observados.

Se constitui em estratégia utilizada para obter informações frente a frente com o entrevistado o que permite, ao entrevistador, o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro (Negrine, 1999: 73).

As entrevistas ainda podem ser classificadas como: estruturada, onde as perguntas são previamente determinadas, não havendo a possibilidade de mudanças no decorrer do questionamento; semi-estruturada, onde existe um roteiro básico mas

permite a interferência do pesquisador para o complemento das informações, através de outras perguntas que não estavam previstas e que surgiram no decorrer da entrevista; e a não-estruturada, quando permite a realização de explorações e persegue pistas na tentativa de obter maior profundidade de informação. (Negrine, 1999: 74).

Acredito que a entrevista semi-estruturada é a que melhor se adapta ao desenho de investigação proposto, porque permite um maior contato do pesquisador com o entrevistado e, ao mesmo tempo, delimita algumas funções. Permite também que o informante participe na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Triviños (1987) assim define este tipo de instrumento:

Podemos entender por **entrevista semi-estruturada**, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (Triviños, 1987: 146).

Não existe uma regra para a duração da entrevista. Porém, deve-se evitar que a mesma se torne repetitiva e empobrecedora. A capacidade do entrevistador é que determinará o tempo necessário para que se obtenham as informações relevantes ao estudo.

Segundo Negrine (1999), alguns cuidados devem ser observados para a realização da entrevista, são eles:

- a) prévia negociação com os participantes para evitar constrangimentos ao responder determinadas perguntas;
- b) respeitar o anonimato dos entrevistados;
- c) esclarecer a natureza do trabalho;
- d) criar uma atmosfera agradável para favorecer a confiabilidade das informações recolhidas e;
- e) manter uma conduta uniforme durante a entrevista.

A estas, acrescento ainda:

- a) cumprimento de local e horário;
- b) uso de um roteiro para guiar a entrevista;
- c) uso de uma seqüência lógica nas perguntas e;
- d) respeito às informações e ao universo do entrevistado.

As entrevistas que realizei seguiram um roteiro (Anexo III), foram gravadas e transcritas e seguiram rigorosamente as orientações acima descritas. Para validar o roteiro da entrevista, entreguei a dois professores doutores e com grande experiência no desenvolvimento de pesquisas que utilizam a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados. Foi entregue cópia também aos professores de Educação Física das escolas que teriam suas turmas observadas. Todos validaram o roteiro e consideraram-no apropriado ao estudo que realizei. Ao todo foram realizadas 38 entrevistas e os nomes dos entrevistados foram trocados para preservar a privacidade de cada um.

3.7.2 A observação participante

A observação participante é, também, um instrumento bastante importante no desenvolvimento do estudo etnográfico. Sua importância reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (Cruz Neto, 1994: 59,60).

Para André (1995), a observação é chamada participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetada.

Entretanto, por ser de difícil realização, assim como a entrevista, exige um treinamento anterior. Para Negrine (1999: 65), a primeira orientação de treinamento a ser dada é a seguinte:

Em primeiro lugar, se vamos a campo para observar, o quesito principal é tornar os registros o mais descritivos possível, desconfigurados de qualquer juízo de valor. Se os registros são feitos com juízo de valor, acabamos contaminando as informações, o que certamente irá prejudicar a análise dos fatos.

Segundo o mesmo autor, a segunda orientação refere-se à pauta de observação:

Observar sem pautas prévias faz com que os registros das informações, recolhidas através da observação, sejam os mais variados possíveis, dando idéia ao próprio grupo, que passou pela experiência da subjetividade, da tarefa realizada, servindo, de certa forma, a uma multiplicidade de conclusões e a qualquer discurso que se queira inferir a partir dos registros realizados pelo observador (Negrine 1999: 66).

Triviños (1987: 142), ao contrário de Negrine, afirma que: “Num instante tão importante para a investigação, infelizmente não se podem dar orientações precisas sobre modos de atuar e proceder. Cada situação tem suas próprias características. E o investigador deve avaliar as circunstâncias e buscar o melhor caminho”.

Neste sentido é que me proponho a aceitar as orientações sugeridas por Negrine, ao mesmo tempo em que busco construir procedimentos pessoais que me auxiliem de forma significativa em relação a este instrumento.

A observação é uma atividade que envolve muita atenção, percepção e memória. No estudo qualitativo, é interessante que seja realizada no contexto real dos indivíduos que estão sendo observados, no local onde desenvolvem suas práticas.

Desta forma, realizei individualmente as observações a partir de uma pauta prévia (Anexo IV) e procurei descrever os fatos sem atribuir juízos de valor. Realizei um estudo preliminar como forma de treinamento e ao todo foram realizadas 27 observações nas aulas de Educação Física das três escolas estudadas. A pauta de observação foi elaborada a partir do entendimento de que era importante o registro de alguns dados pois permitiria uma melhor interpretação das respostas fornecidas através da entrevista.

3.7.3 Análise documental

Entendo que os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes (André, 1995).

Muitas vezes os documentos registram elementos que não aparecem nas entrevistas e nas observações, constituindo-se em outro importante instrumento de coleta de dados.

Os documentos que pretendia analisar eram:

- a) o regimento escolar;
- b) atas de conselhos de classe;
- c) documentos que explicitem a Filosofia da escola;
- d) projeto Político-Pedagógico da escola;
- e) planejamento anual da área;
- f) atas de reuniões específicas da área de Educação Física e esportes e;
- g) pareceres descritivos dos alunos.

É importante observar que os documentos que seriam analisados dependiam da aprovação por parte dos participantes. Muitos dos documentos estavam em fase de elaboração, não sendo permitido meu acesso aos mesmos. Do mesmo modo, não me foi permitido, pela equipe diretiva das escolas, o acesso às atas de reuniões e conselhos de classe e aos pareceres dos alunos. Portanto os documentos que analisei ficaram restritos aos planejamentos anuais da Educação Física.

Analisei, nos planos anuais, os objetivos, os conteúdos e as metodologias que eram propostas para o ensino dos esportes para os alunos. Entendo que a realização por parte dos professores carrega consigo o sentido por eles atribuídos ao esporte escolar. Acredito que análise documental se tornou um instrumento importante porque, de certo modo, confronta as perspectivas do corpo docente da escola com o

corpo discente. Percebi que grande parte das propostas apresentadas nos documentos não se realizavam na prática.

3.7.4 Diário de campo

O diário de campo constitui-se em um instrumento de grande uso pessoal para o investigador. Nele o pesquisador pode colocar seus sentimentos, suas reflexões e suas percepções a respeito de como está observando o fenômeno que está sendo estudado.

Cruz Neto (1994: 63) define o diário de campo como:

Como o próprio nome já diz, esse diário é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um ‘amigo silencioso’ que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidos através da utilização de outras técnicas

Entendo que o diário de campo foi muito útil para o desenvolvimento do trabalho porque me ajudou a lembrar as observações e as entrevistas realizadas, além disso, permitiu o registro do comportamento, das atitudes e dos diálogos dos sujeitos observados. Também sugeriu novas perspectivas e a possibilidade de realizar alguns ajustes nos demais instrumentos da pesquisa. As anotações no diário de campo eram realizadas em várias situações: logo após as entrevistas, antes e durante as observações, após conversas informais com os professores ou com os alunos e em momentos de reflexão que realizava nos dias em que coletava alguma informação no campo de estudo.

3.8 O ESTUDO PRELIMINAR

O estudo preliminar serve de treinamento do pesquisador para a utilização correta dos instrumentos da pesquisa. Deve aproximar-se do estudo que será realizado. Portanto é interessante que se realize esta atividade com grupos semelhantes aos que serão estudados. Desta forma podemos verificar se os instrumentos conseguem fornecer elementos que respondam ao problema da investigação.

Realizei o estudo preliminar no Colégio Província de São Pedro no mês de março e abril de 2001. Selecionei esta escola por ser professor da mesma e, desta forma, ter facilitado meu acesso e circulação. Além disso, trabalhava com turmas de terceiro ano que se ajustavam e se assemelhavam às turmas que foram pesquisadas posteriormente.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A análise das informações foi realizada a partir dos resultados obtidos nas entrevistas semi-estruturadas com 38 alunos, nas observações registradas em relatórios de 27 aulas de Educação Física nas três escolas estudadas, na leitura dos planos anuais de ensino fornecido pelos coordenadores da área, nas anotações do diário de campo e tendo como referência o marco teórico da pesquisa. Compreende a descrição e a interpretação dos resultados obtidos com a pesquisa no campo.

Os conteúdos das entrevistas serviram como base para a construção das categorias de análise. Foram extraídas, em primeiro lugar, as unidades de significado (anexo VI) de cada resposta apresentada para, depois, serem agrupadas por afinidade e finalmente constituírem as categorias de análise.

Categorizar as informações significa agrupá-las a partir de características comuns, elaborando-se então uma determinada classificação. Este tipo de procedimento geralmente pode ser utilizado em qualquer tipo de análise, em pesquisa qualitativa. Para melhor sistematizar a apresentação das categorias de análise, as mesmas foram divididas em subcategorias:

- 1) A prática esportiva nas escolas:
 - a) O conceito de esporte e as experiências esportivas.
 - b) A Educação Física escolar.

- 2) O esporte na perspectiva dos alunos:
 - a) O esporte na escola e fora da escola.
 - b) Os objetivos do esporte na escola.

- 3) Esporte e aprendizagem:
 - a) O aprendizado através do esporte.
 - b) As contribuições na formação pessoal e educativa.

- 4) A escola na perspectiva dos alunos:
 - a) As disciplinas escolares.
 - b) As funções da escola.

4.1 A PRÁTICA ESPORTIVA NAS ESCOLAS.

Começo a descrição e interpretação dos resultados por este tema porque acredito que as variadas vivências esportivas dos alunos, tanto nos ambientes escolares como fora destes, é fundamental na construção do entendimento do fenômeno esporte pelos mesmos. Penso que, quanto mais experiências esportivas possuírem, maiores são suas possibilidades de compreensão, percepção e apropriação da cultura esportiva e, conseqüentemente, melhores serão suas interpretações e significações sobre o esporte, o que contribui positivamente para a investigação em questão.

4.1.1 O conceito de esporte e as experiências esportivas

Quanto a este item, muitos foram os aspectos que mereceram uma análise mais específica. O primeiro aspecto que me chamou a atenção foi em relação ao conceito de esporte que os alunos possuem que envolve não apenas as modalidades tradicionais, as mais praticadas e divulgadas pela mídia, mas toda e qualquer atividade física. Este fato se mostrou evidente já na realização da sondagem que identificaria os grupos para o estudo. Quando perguntados se praticavam alguma modalidade esportiva e qual, muitos, principalmente as meninas, citaram as suas caminhadas, aulas de ginástica e musculação caracterizando-as como sendo as atividades esportivas que haviam praticado e experimentado.

Já com os grupos definidos, novamente esta conceitualização voltou a aparecer nas respostas das entrevistas, demonstrando que, para os alunos, a definição de esporte está muito próxima do conceito de exercício físico ou de atividade física. Este aspecto ficou evidenciado através das respostas que seguem:

“ Tá é a Educação Física do colégio, daí de uns quatro anos pra cá eu faço **academia, aeróbica e musculação** e só.” (Juliana)

“ Eu já fiz atletismo, basquete, hã, **balet**, ginástica olímpica, ginástica rítmica, natação, um pouco de tudo.” (Joana)

“ E fora do colégio foi isso só. Fiz também **hidroginástica**, essas coisas.” (Agda)

“ Eu jogava vôlei com os meus amigos as vezes assim, mas tipo informalmente só. **Andava de bicicleta pelo verão.**” (Raquel)

Notamos, pelas atividades que grifei, que, neste sentido, a configuração do esporte para este grupo de alunos não necessita de determinados elementos e características intrínsecas como a competição e o rendimento. Assim como não é necessária uma regulamentação específica para o desenvolvimento desta atividade e, também não há a necessidade de ser realizada dentro de códigos e modalidades iguais. Este entendimento dos alunos é contrário ao pensamento de inúmeros autores que consideram o esporte como uma ação humana que segue formatos idênticos ou bastante semelhantes e que está situada dentro de uma mesma lógica. (Stigger, 1999).

Acredito que esta amplitude conceitual atribuída ao esporte se dá em função de não existir na sociedade e mesmo na comunidade acadêmica um consenso capaz de apresentar para o esporte uma definição precisa e consistente. Por isso, a construção de um conceito de esporte é individualizada e depende de como o esporte chega a cada um. Concordo com Santin (1996b) e acredito que o esporte é uma organização e institucionalização das atividades lúdicas do homem que teve origem no século XVIII. É importante esclarecer o meu conceito de esporte porque a partir desta perspectiva é que foram interpretados os dados obtidos no campo de pesquisa. Portanto, para mim, esporte é uma reorganização dos jogos e passatempos populares que aconteceu a partir dos processos de industrialização ocorridos na sociedade moderna e que hoje se configura como uma atividade física regulamentada por uma instituição específica que é responsável por orientar e dar forma às diferentes

modalidades. Também por conter elementos como a competição, o rendimento e a performance como características básicas e necessárias ao seu desenvolvimento.

Outro ponto bastante evidente é que todos os alunos, sem exceções, haviam praticado e tinham experiências esportivas para relatar, ou seja na escola ou em outros locais. Este aspecto vai ao encontro do pensamento de inúmeros autores que consideram o esporte como um dos maiores fenômenos sociais da atualidade, com enorme abrangência e com forte poder de influência na sociedade.

Percebi que os alunos, fora do ambiente escolar, experimentaram diferentes modalidades esportivas até se definirem por uma que passou a ser prioritária. Nas palavras de Cláudio e Keli, por exemplo, podemos perceber esta idéia:

“Ah, cara, eu fiz, já fiz quase tudo assim fora do colégio. Quando eu era bem piá, futebol que é tipo normal de todo mundo, aí depois eu fiz basquete numa escolinha que tem na zona sul lá, fiquei bastante tempo até, mas nada de mais. Aí depois eu joguei tênis que já fiquei mais um tempo, fiquei um tempo maior até, só que cansei também. Aí eu fiz é... windsurf que foi uma coisa que eu gostei só que aí o material do windsurf é assim muito caro, é uma grana mesmo e aí eu tive que parar porque acabou tipo o ciclo de aulas e o material não, naquela hora não podia comprar e fiz jiu-jitsu por uns 2 ou 3 meses, mas daí bem naquela época de bar - mitzva¹ e tal aí não tinha como conciliar as duas coisas...
... Acho que era isso assim das experiências. É né?” (Cláudio).

“ Bom, eu já fiz tênis, nataçãõ, basquete, vôlei, futebol e agora eu faço hipismo.” (Keli)

Na escola, as experiências esportivas dos alunos ficam limitadas ao desenvolvimento dos esportes que se adaptam aos espaços disponíveis. Os mais praticados são o futebol, o voleibol, o basquete e o handebol. Duas formas de participação foram descritas pelos alunos. A iniciação esportiva que acontece nas equipes da escola, onde o aluno vai por escolha própria, e a prática do esporte nas aulas de Educação Física onde os alunos realizam por determinação dos professores.

¹ Cerimônia da cultura judaica obrigatória para os meninos que completam 13 anos e que marca a maior idade religiosa. Literalmente significa “filho do dever”.

“ Eu estudo em escola particular desde os 5 anos e desde pequenininha assim fazia Educação Física aqui e foi o que eu participei assim de todos esportes, todas as modalidades que deram pra gente fazer eu fiz.” (Joana)

Joana deixa claro que as modalidades praticadas dependem da intencionalidade dos professores e que há pouco espaço nas séries iniciais para a participação dos alunos nas decisões. Como todos os alunos são obrigados a participar das aulas, quanto maior for o repertório esportivo oferecido, maior serão as vivências dos alunos e os conhecimentos sobre a cultura esportiva. No entanto, não é o que se percebe nas escolas. Para Neuenfeldt & Canfield (2001), tal evidência é justificada pelo fato de os professores escolherem os conteúdos pela popularidade e não por ampliar a cultura corporal dos alunos.

Ricardo estuda na escola há 17 anos e “todas” as suas vivências esportivas se resumiram a prática das modalidades tradicionais.

“ Já estou aqui no colégio a 17 anos e já pratiquei todos os esportes assim na Educação Física, desde handebol, voleibol, basquete, futebol. Ah, todas essas. Já fiz... e sendo mais ênfase no basquete nos 1o e 2o ano.”(Ricardo)

Este fato leva os alunos a se desinteressarem e se desmotivarem pela prática e pela participação nas aulas de Educação Física e, em alguns casos, da prática esportiva em geral. Geralmente o aprendizado destas modalidades esportivas começa por volta da quinta ou sexta séries do Ensino Fundamental e estende-se até o terceiro ano do Ensino Médio, ou seja, passam 7 anos da vida escolar desenvolvendo as mesmas modalidades e, em determinados casos, com as mesmas metodologias e conteúdos.

Seguindo com a análise das experiências esportivas, percebi que as que mais haviam marcado os alunos, positiva ou negativamente, foram as que envolveram situações de competição. As viagens, a integração, o fortalecimento de amizades, a superação, a recompensa pelo esforço durante os treinamentos, os resultados, as frustrações, entre outros, constituíram os vários motivos que foram apresentados para justificar esta afirmativa.

“Ah, dentro do colégio aqui eu já tive muitas experiências esportivas, como olimpíada metodista que é um encontro aí que rola todos os anos. Isso aí é, isso aí marcou desde o mirim que venho jogando essas olimpíadas mas agora principalmente no juvenil que, que é bah são todo o estado né, são 5 escolas do estado inteiro que , que jogam e isso aí marca muito pra nós...

... Ah, pela confraternização que rola, é uma semana inteira só de jogos, que a galera bah, vai muita amizade, brinca, joga, fica nervoso, ganha, perde, tudo isso misturado é, dá uma coisa legal.” (Guilherme)

“Eu acho que tem várias que marcaram. Mas as que mais me marcaram assim, foram as viagens com o basquete e com o futebol porque da minha turma devia ter umas 3 ou 4 gurias então quer dizer que o resto do time todo era de outras séries de outras turmas e a gente acaba conhecendo um monte de gente e fazendo amigos assim. E não só dentro do colégio, mas de outros times de outras cidades, então é bem legal...

...Específica talvez uma que a gente fez pra Santo Ângelo que...foi, a gente não tava muito organizado, daí chegou lá, perdeu o primeiro jogo e ninguém mais tava a fim de jogar e acabou que a gente meio que desistiu, mas que foi legal mesmo assim. Valeu a pena pelo, pelas amizades e tal.” (Flávia)

O tema competição é extremamente polêmico entre os professores de Educação Física escolar e, no meu entendimento, bastante contraditório. Elegem o esporte como conteúdo principal e se posicionam contrários às atividades competitivas. Como trabalhar o esporte sem seu elemento principal que é a competição? Percebi, com base nos relatos apresentados pelos alunos, que a participação em competições é um aspecto estimulante da prática esportiva e que é capaz de marcar as suas vidas.

Segundo Maturana:

A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constituiu na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro. (Maturana, 2001: 13)

Entretanto, não percebi nas manifestações dos alunos tal pensamento. Para eles, a competição é marcante porque lhes possibilita sentir emoções que não necessariamente neguem o outro. Para mim, ficou evidente (confesso que com um

pouco de surpresa) que a alegria da vitória para os alunos não está relacionada à derrota do adversário e, sim, a uma superação individual ou coletiva com o intuito de atingir uma meta traçada anteriormente.

O que acredito ser negativo na competição é a supervalorização do resultado, da vitória ou da derrota. Concordo com Freire (1997) quando afirma, logicamente, que, para haver um vencedor, deve haver um vencido, que só há o primeiro colocado porque houve o segundo. Portanto, penso que uma competição é, ao mesmo tempo, uma situação de cooperação. Para eu experimentar a emoção da vitória, alguém deve cooperar comigo neste sentido, sendo meu adversário. No entanto, isto não significa que eu devo me valer de atitudes que comprometam a integridade do outro e muito menos que eu deva negá-lo. O prazer deve estar na realização do esporte e não no resultado. Entendo que, a partir das respostas apresentadas, este pensamento é corroborado pelos alunos porque, em nenhum momento, citaram a satisfação de vencer um determinado oponente como um fator motivador, mas sim de terem se superado em relação aos seus próprios limites. Ao contrário, se mostraram contentes com o resultado porque foram capazes ou não de realizar a atividade proposta.

“Ah, esse ano né? Eu sempre gostei de correr. Daí esse ano nas olimpíadas não tinha ninguém pra correr da minha turma, daí eu tá, eu, eu vou, eu corro, só que eu queria correr só 75 metros sabe? Só que não tinha ninguém pra correr os 300 e daí eu fui lá e corri também. Só que eu perdi as duas sabe? E aquilo ... e tipo ... e eu desisti nos 300 metros sabe? Eu desisti mas eu sei que se eu tivesse continuado de repente eu podia ter ficado em terceiro lugar sabe? E eu ter desistido isso foi uma coisa muito ruim assim pra mim sabe? Esse ano foi uma coisa que me marcou muito assim que ... tipo.. como é que eu vou dizer ...que é um fracasso meu assim sabe? Isso foi uma coisa que me marcou. E uma coisa boa assim que me marcou, deixa eu ver...hãã... ah, no Bom Conselho eu fui artilheira em um campeonato de futebol que teve. Ganhei até um troféu assim (risos).” (Agda)

Dois alunos relataram que não vivenciaram nenhuma situação esportiva que tenha sido significativa ao ponto de marcá-los.

4.1.2 A Educação Física escolar.

Como já havia citado anteriormente, o esporte se apresenta estruturado de duas formas distintas nas escolas particulares: o esporte como equipes representativas da escola e o esporte como conteúdo da disciplina de Educação Física. Percebi que, para os alunos, essa divisão também é evidente.

“Ah tem Educação Física com o horário escolar que tem vários esportes, futebol, handebol, basquete e também esportes especializados fora do horário escolar que dá pra fazer sei lá, capoeira, fazer basquete, futebol, vôlei, também tem horários de noite, de tarde. É tem vários tipos.” (Ricardo)

A análise das aulas de Educação Física é importante porque nelas é que acontece o ensino dos esportes na escola. Existindo a presença de um professor “deveria” haver todo um processo de ensino e aprendizagem esportiva. Segundo Torres & Gaya (2001), o professor de Educação Física deve ter a preocupação de proporcionar aos seus alunos a possibilidade de apropriação da lógica, das regras e dos códigos de variadas modalidades esportivas. Além disso, todos os alunos, com exceção das dispensas previstas na legislação, participam das aulas, pois é componente curricular obrigatório.

“ Não falta lugar pra gente praticar esporte e as atividades, todos as turmas são obrigadas né? A fazer Educação Física então quer dizer que toda a semana a gente tem um contato com a Educação Física e fora isso eles tem as escolinhas abertas pra quem quiser né? ” (Flávia)

Entender como os alunos percebem as aulas de Educação Física permite identificar aspectos significativos relacionados ao esporte, principalmente, como o esporte é apresentado ao aluno e, em consequência, como os alunos recebem o esporte. Também possibilita a verificação da estrutura disponibilizada pela escola para o desenvolvimento de atividades esportivas. O que de certa forma demonstra o valor que é atribuído ao esporte na escola.

Começo minha análise pela estrutura física das escolas em relação ao esporte. Todos os alunos, alguns com pequenas sugestões, consideram a estrutura esportiva de suas escolas bastante apropriadas.

“Ah, a escola não tem um grande espaço físico mas mesmo assim, tem, tem duas canchas, tem o ginásio, então eu acho que nesse espaço da pra desenvolver alguns, alguns esportes. Talvez falte um campo, alguma outra coisa. É, mas a gente tá bem servido de canchas, de áreas desportivas.” (Leonardo)

“Ah, ao meu ver é assim o que tem de melhor assim aqui em Porto Alegre. Tem bons técnicos, bom material, bom ginásio, os times são bem estruturados, os treinamentos também, eu acho que tá bem bom os treinamentos tudo.” (Fábio)

“ Ah, a estrutura física é boa. A gente tem um ginásio ali em cima, tem o ginásio aqui de baixo também, tem os dois ginásios, tem bastante quadra tem. Só acho que o campeão poderia melhorar um pouquinho, mas o resto assim tá ótimo não tenho nada de reclamação. A escola é muito boa, tem um espaço físico muito bom também. ” (Ronaldo)

Como podemos perceber nas palavras de Fábio, existem professores qualificados, quadras esportivas cobertas e ao ar livre e materiais de boa qualidade para o desenvolvimento do esporte na escola. Este aspecto me levou a acreditar que existem condições ideais para o ensino das modalidades esportivas. No entanto, se por um lado há o reconhecimento de que a estrutura física é adequada, por outro há um desconhecimento em relação à organização das atividades . Para Paula, Simone e Camila faltam atividades e equipes para o sexo feminino. Paula julga que a prioridade é dada aos alunos do sexo masculino.

“ Eu acho que a organização podia ser melhor. Eu acho que não dão muito valor ao esporte feminino porque teve vários anos que a gente pediu, teve 2 anos que a gente pediu pra abrirem escolinha de handebol e o colégio não se mexeu porque não tinha horário, não sei o que, por motivos da época e a gente já pediu também futsal também feminino e nunca fizeram nunca se esforçaram assim pra ver se teria mesmo time e nunca teve. Então quem queria fazer tinha que fazer vôlei ou não fazia e, mas em relação aos guris eu acho que puxam bastante, eu acho que é bem legal. O espaço físico pro número de alunos eu acho que é que é bom, mas falta valorização mais pro esporte feminino. Eu acho que falta. ” (Paula)

Camila e Simone concordam que, para as meninas, existem poucas atividades, porém não sabem se haveria a participação das alunas:

“ Só sei lá, poderia ser um pouquinho melhor. E eu acho que poderia ter tipo mais coisas tipo assim for a do horário pra guria. Tipo, não tem futebol, sabe? É que também não sei se ia ter aluno pra fazer. ” (Simone)

“ E eu acho tri bom isso porque tem todos os esportes agora, feminino que não, que nã, que antes, agora que deu uma melhorada porque não tinha muita gente querendo fazer, tudo. ” (Camila)

Para os alunos em geral, a organização é boa e entendem que a escola valoriza bastante o esporte. Conhecem a existência de escolinhas de iniciação esportiva e das equipes representativas. Os horários de treinamento são no turno da tarde enquanto as aulas são no turno da manhã. Como não há treinamentos nos períodos de aula, toda a estrutura disponível fica à disposição para as aulas de Educação Física.

Com relação à disciplina de Educação Física, evidenciei, através das observações que realizei, que as mesmas eram bastante semelhantes e seguiam sempre a mesma rotina. Os alunos chegavam para a aula, encontravam-se com os professores que já estavam no local e eram conduzidos à quadra para a realização de exercícios de alongamento ou para uma caminhada ou ainda para uma pequena corrida. Estes exercícios tinham o objetivo de promover o aquecimento e a preparação para o jogo que acontecia logo após. Os professores se responsabilizavam pela entrega do material aos alunos e algumas vezes por dividir o grupo em equipes. Após iniciados os jogos, tinham a função de: evitar conflitos entre os alunos que poderiam surgir, realizar a arbitragem dos jogos, completar alguma equipe caso o número de alunos fosse insuficiente, controlar as trocas entre as equipes quando havia mais de duas e controlar o tempo de jogo. O final da aula era concomitante com o final do período ou quando decaía o interesse dos alunos na atividade que estavam realizando. Especificamente não se observava nenhuma atividade especial de finalização da aula. Os alunos, após o apito final, pegavam seus pertences e saíam do local, sem intervenção por parte dos professores. A minha pergunta sobre como

era o encerramento da aula foi para muitos alunos motivo de risos. Em nenhuma observação que realizei percebi uma retomada com os alunos no sentido de dar um fechamento à atividade que havia sido realizada. Portanto, as aulas eram divididas em dois momentos claramente perceptíveis: o aquecimento e os jogos esportivos coletivos. Observei que raramente o esporte desenvolvido era definido pelo professor. Na maioria das aulas, quem escolhia o esporte a ser praticado eram os alunos. A escolha era realizada pelo interesse da maioria e nas três escolas percebi que, para os meninos, predominava a prática do futsal e, para as meninas, o handebol e o futsal. O voleibol e o basquetebol eram praticados excepcionalmente quando não era possível a utilização de alguma das quadras por motivos diversos.

“ Bom a gente, a gente sempre a gente joga futebol né, que é a que a gurizada mais gosta, um dia joga futebol e a gente sempre puxa pro futebol, mas aí quando da problema na quadra aí, quando falta algum espaço a gente sempre joga vôlei, vôlei ou basquete, ou o que tiver espaço pra jogar, é o que dá né. A aula começa normal a gente divide os times. Tipo um futebol a gente divide os times, joga o tempo inteiro eles dividem direitinho os tempos e no final faz a chamada tudo e aí depois pode ir embora. ” (Guilherme)

“ Ai, tipo o que eu mais gosto é futebol. Daí por isso que a gente divide em futebol e handebol. Uma aula uma ou outra porque tem uns que não gostam de futebol, outros que não gostam de handebol. Aí a gente até jogou acho que pouco assim vôlei assim porque tem umas que gostam mas a maioria não gosta, aí tem que fazer muito trabalho pra por rede não sei o que. E a gente geralmente começa hã, aquecendo sei lá, caminhando em volta da quadra várias vezes e depois começa a fazer os exercícios de aquecimento. ” (Simone)

“ Tá, a Educação Física pro terceiro ano que eu tô é uma vez por semana. Daí são nos dois primeiros períodos. A gente chega, faz um alongamento depois faz uma caminhada eu acho que de 10 minutos e depois a gente normalmente os guris jogam futebol e as gurias daí normalmente a gente escolhe o que a gente vai jogar. A gente não tem muito aquela parte prática assim tipo vôlei treinar toque, saque, nada a gente vai e joga direto. E normalmente é futebol ou vôlei, mais esses esportes mais conhecidos assim. Handebol também as vezes. ” (Flávia)

Para mim ficou evidente que os alunos também percebem a rotina da aula como foi descrita anteriormente. Suas descrições das aulas foram muito semelhantes entre si, apesar de serem de escolas diferentes e terem professores diferentes. Porém,

suas interpretações em relação às aulas de Educação Física se mostraram bastante antagônicas. Aqueles que apresentaram um posicionamento pessoal sobre a aula de Educação Física, ou seja, se posicionaram ao responderem as perguntas e não simplesmente a descreveram, ficaram divididos em dois grupos. Um grupo que é favorável a esta forma de desenvolvimento da aula porque a eles é conferida autonomia nas decisões permitindo uma liberdade de escolha. E um segundo grupo que é contrário porque acredita que a aula deveria ser mais dirigida e conduzida para o aprendizado das técnicas esportivas.

“ A aula começa a ter, é jogo direto certo. E eu gosto da aula assim, é uma aula que não tem técnica, não tem, não tem parte física assim, mas é, é só jogo mas eu gosto. Eu acho que é interessante assim porque...” (Cássio)

Cássio não conclui o pensamento mas, mesmo assim, deixa claro que a aula é boa por não seguir uma seqüência pedagógica que seria o desenvolvimento de exercícios de técnica esportiva ou de condicionamento físico antes dos jogos. Paula e Iara apresentam posicionamento oposto ao de Cássio e consideram a aula ruim exatamente por não ter atividades de aprendizagem das técnicas dos esportes.

“ Hã, eu acho que a aula ela... eu não gosto muito da aula de Educação Física por causa que é uma coisa não é muito dinâmica...”

...É, é porque eu, é porque eu, se eu gosto assim é do treino de vôlei. Eu gosto daquela coisa assim, ai corre, busca, cai e gosto de jogar também, mas eu gosto daquela preparação assim ó, ficar treinando só passe, só o passe eu acho que é isso que falta numa educação na Educação Física. Sabe? Tá preparando os fundamentos assim.” (Iara)

“...Eu acho que eu gostava muito de esporte e acabei me desinteressando justamente pela Educação Física. Eu gostava muito de futebol e agora na Educação Física quando falam: “ah, vamos jogar futebol” eu já não quero porque não, nunca ... eu acho que a Educação Física podia ser uma coisa assim ó, pra gente ensinar a gente a jogar. Não só nas escolinhas. Que de repente tu não faz escolinha porque tu não tem tempo então podiam ter aquela aula na Educação Física e não só brincadeira. Então como tem muita gente que as vezes não sabe jogar alguns esportes acaba tirando o estímulo de quem sabe que é o meu caso. Eu fiz escolinha durante um tempo digamos que sei jogar, só que na Educação Física não gosto justamente

porque fica aquela baderna e coisa então acho que podia ser mais assim voltado pro ensinamento e não só pra brincadeira como tá sendo atualmente.” (Paula)

Como conclusão deste tema, acredito que o esporte praticado na Educação Física escolar não demonstrou, em nenhum momento, alguma situação envolvendo um processo de ensino-aprendizagem. Este processo deveria passar obrigatoriamente por uma intencionalidade dos professores. Entretanto, não foi o que aconteceu. A prática esportiva, nas aulas observadas, era muito similar a que os alunos realizam fora do ambiente escolar. Através das respostas das entrevistas analisadas, confirmei o que havia observado. Não houve, durante as aulas, um momento de reflexão construído a partir da prática desenvolvida em aula. Os alunos jogavam e, quando o jogo acabava, saíam sem nenhuma intervenção por parte dos professores. Acredito que esta atitude descaracteriza completamente a disciplina de Educação Física no meio escolar. O esporte nas aulas era desenvolvido de forma descompromissada, sem um tratamento didático pedagógico. Era o jogo pelo jogo, a prática pela prática.

“ Não, só dão uma bola e “ó querem jogar futebol, joguem”. Mas não incentivam nada.” (Raquel)

Os professores, durante as aulas, demonstraram, em muitas situações, uma postura lúdica. Brincavam com seus alunos e proporcionavam momentos de descontração que deixava o clima bastante amigável. No entanto, esta relação não era utilizada como motivação para a promoção de um conhecimento esportivo. As palavras de Camila resumem o pensamento que ora apresento:

“ Ai, eu vou te dizer que assim ó. As aulas geralmente são meia corridas assim sabe? A gente chega daí fala o que a gente vai fazer, daí... muitas eu até fico meia assim porque o, o, o meu professor ele as vezes ele não, não fica em cima sabe? A gente fica, a gente vai jogar futebol. Ele não diz as regras, ela não diz o que pode o que não pode, quanto que tá o jogo. Ele não fica ali coordenando sabe? Em cima. Eu acho que isso aí é uma coisa que podia melhorar aqui. Por exemplo, tu tá dando uma corrida, te explicar o que ocorreu, o que faz bem, porque, o que vai acontecer com o teu corpo, o que vai mudar, sabe? Tipo num jogo apitar, sei lá, porque ele apitou ali, porque que é falta, porque pode entrar ali, porque que não pode. Eu acho que isso falta aqui no colégio. Que aqui é muito assim sabe? Ai, joga aí ... vôlei. Daí a gente

joga, daí fica todo mundo num arreganho, joga e ele não fica muito em cima sabe? Mas, é um bom professor, óbvio, acho que só tem que, tem que dar uma melhorada nisso sabe? Porque as vezes é isso que falta. Porque se tu conhece esporte, tu vê as regras tudo, tu acaba te interessando. Agora se tu joga as vezes tu faz tudo errado sabe? Não tá entendendo nada e também não fica com vontade de entender. Então se ele pegasse e puxasse aqui ó, não pode fazer isso por causa disso sabe? Daí eu acho que tu ía, que ía ser melhor assim. ” (Camila)

Aconteceu uma situação interessante em uma de minhas observações que ilustra claramente meu posicionamento quanto aos professores. Quando estava chegando à quadra para realizar uma observação, foi-me comunicado que o professor se encontrava enfermo e não poderia ministrar a aula naquele dia. Mesmo assim resolvi ficar no local para ver qual seria o desenrolar da situação. A professora das meninas pegou uma bola de futsal e liberou para os alunos jogarem na quadra do ginásio avisando que ela estaria na quadra externa e que, se houvesse algum problema, era para eles a procurarem. Percebeu que eu estava no local e perguntou se eu ficaria ali fazendo a observação. Respondi que sim. Foi quando a professora pediu então que eu observasse a aula e, se percebesse algo diferente ou anormal que eu a avisasse. A aula transcorreu normalmente e eu não precisei me deslocar. Este fato me marcou porque, a partir deste momento, comecei a me questionar sobre a importância do professor para este modelo de aula. Concluí que, com esta formatação, as aulas de Educação Física escolar não necessitam de professores, mas de alguém que disponibilize o espaço e o material. Ao contrário, penso que muitas vezes o professor atrapalha o funcionamento das mesmas porque coloca regras que não estão de acordo com as que foram construídas pelo grupo.

Penso que o esporte nesta perspectiva não está comprometido com o projeto político-pedagógico da escola. Encontra-se isolado e sem sentido dentro do ambiente escolar. Não há uma definição quanto aos objetivos com a prática esportiva nas aulas de Educação Física. Por um lado, não se ensinam os fundamentos técnicos e táticos que possibilitariam a aprendizagem dos esportes; por outro, não se faz uma reflexão crítica sobre as questões teóricas do esporte como a sociologia, a filosofia, a fisiologia, a psicologia e muitas outras. Uma pergunta que fica sem resposta é o que

se pretende com o esporte enquanto conteúdo predominante nas aulas de Educação Física ?

4.2 O ESPORTE NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS.

Apresento nesta categoria minhas interpretações de como os alunos percebem o esporte na escola a partir de uma comparação entre o esporte praticado no ambiente escolar e o praticado em outros ambientes. Também procurei identificar quais os objetivos do esporte na escola para os alunos. Esta análise possibilitou, no meu entendimento, verificar qual o sentido que os alunos atribuem ao esporte escolar.

4.2.1 O esporte na escola e fora da escola.

Muitas foram as diferenças e semelhanças apontadas pelos alunos para o esporte que é praticado fora da escola e dentro dela. Porém, as respostas apresentaram um conteúdo bastante similar. Os pontos identificados convergiram numa mesma direção. Várias manifestações do esporte foram comparadas entre si. Na escola houve uma divisão entre a prática do esporte nas aulas de Educação Física e nas equipes. Fora do ambiente escolar foram abordadas a prática do esporte por iniciativa própria (entendida por mim como um momento de lazer) e a prática em clubes esportivos.

O primeiro aspecto comparado pelos alunos foi em relação à seriedade com que o esporte é praticado. Ficou claramente evidenciado nas respostas que a grande diferença entre o esporte na escola e em outros locais está na seriedade com que é praticado. Basicamente três motivos foram apresentados para justificar este posicionamento.

Na escola consideram que os alunos não participam com seriedade porque eles estão ali somente pela obrigatoriedade da disciplina de Educação Física e para serem aprovados no final do ano letivo.

“ É, tá certo que tu tá fazendo porque tu quer assim, não pela obrigação de ter que passar na Educação Física. ” (Juliana)

“ É, eu acho que fora da escola as pessoas levam mais a sério. Porque a Educação Física ninguém leva a sério aqui. É uma coisa para tu passar de ano. Pouca gente gosta mesmo. Então eu acho que fora da escola as pessoas vão porque gostam mesmo da atividade e levam mais a sério. ” (Nicole)

“ Eu acho que tipo fora né? Mais as pessoas pagam daí elas vão lá e tem comprometimento. Aqui na escola como é mais dado assim, ninguém se compromete tanto assim. Todo mundo vem só pra se divertir. Como currículo na Educação Física.” (Raquel)

Podemos perceber que a obrigação na realização das atividades esportivas em aula é um ponto negativo apontado pelos alunos. Em outros ambientes há a possibilidade de realização ou não. A decisão é individual e vai ao encontro das expectativas de cada um. No momento em que, de livre escolha, opta por fazer determinado esporte fora da escola, deve haver, conseqüentemente, um comprometimento maior.

“ Dentro da aula é mais uma brincadeira. A gente não tem muito compromisso porque é uma matéria como qualquer outra do colégio. Mas fora do colégio eu acho que tem que levar mais a sério porque é uma coisa que eu escolhi que eu gosto muito. ” (Keli)

Outro motivo que contribui para que o esporte seja encarado com menor seriedade nas aulas de Educação Física é o fato de não haver competição nem treinamento técnico-tático, portanto, não há cobrança em termos de resultados nem de performance individual.

“ O esporte que eu pratico na Educação Física é levado digamos mais descontração e menos seriedade. Até porque não vai jogar em campeonatos, não tem que treinar sempre. ” (Cláudio)

Percebi que este aspecto é positivo no entendimento dos alunos, pois permite que todos participem, independentemente das suas condições físicas ou técnicas. No clube jogam apenas os melhores, há uma maior seletividade, excluindo aqueles que não reúnem condições básicas (domínio dos fundamentos e aptidão física).

“ Ah, fora da escola é mais pelo ... seleciona assim... mais é pela, pela aparência física assim do cara. Condição física do cara. Aqui no colégio não, aqui o cara vai lá seleciona faz a seleção do grupo. Quer ficar, fica lá treinando. Aqui sei lá qualquer um pode ir ali. Desde que tenha vontade. E fora não, fora é mais difícil de jogar assim. Fora é mais seletivo eu acho, mais seletivo que no colégio. No colégio tu não sabe jogar aí, tu aprende e continua jogando. Lá não, aí tu tem que já saber jogar pra entrar, se não, não joga. ” (Lucas)

Alguns alunos inverteram esta perspectiva e consideraram o esporte praticado na escola melhor e com mais seriedade. Isto, porque realizaram a comparação com o esporte praticado por conta própria, nos momentos de lazer. Relataram que, na escola, por ter a presença de professores, o esporte tinha um melhor acompanhamento e organização.

“ Ah, o esporte assim dentro da escola eu acho que é bem acompanhado até porque os professores dão muita importância pra esse, pra essa área assim e agora fora da escola quando eu fazia esporte não tinha muito acompanhamento até porque os professores lá na ESEF é meio... não tinha muitos professores. E quando eu faço é por conta própria também, então é melhor aqui dentro da escola mesmo que tem um acompanhamento muito bom. ” (Ronaldo)

Outro aspecto interessante descrito foi a relação com os companheiros de equipe e com os adversários. Na escola, pelo fato de serem colegas, há um fortalecimento das amizades e um respeito mútuo entre as pessoas, mesmo em situações em que pertencem a equipes diferentes, por exemplo, na aula de Educação Física. Este aspecto é justificado pela convivência ser maior e por estar em um ambiente educacional. No momento em que praticam o esporte nos clubes ou jogam

contra outras equipes, o pensamento se transforma. Como no clube o convívio acontece somente no período de treinamento, não há possibilidades de um relacionamento mais profundo. Os adversários passam a ser vistos como inimigos.

“ Hã, dentro de escola eles no esporte eles procuram te ensinar a mais ter, como é, a conviver com como gente assim que tá jogando contra uma pessoa que nem tu assim e não como um adversário e como um inimigo. Que a pessoa que tá lá é, pode também ser teu amigo. Daí hum fora assim geralmente é mais a nível de rivalidade, ele é teu adversário, é teu inimigo, tem que ganhar dele. Aqui não, aqui eles procuram a vitória só que sempre valorizando o adversário.” (Jeferson)

“ Hã, eu acho que o diferencial é a amizade assim que tu acaba tendo um vínculo muito maior com as pessoas que tu, da escola do que com as pessoas que tu tá jogando vôlei, em outro lugar assim tipo, eu ia jogar vôlei no União e eu tipo eu ia às duas horas da tarde, voltava às quatro e não falava com ninguém assim sabe? Não era, não tinha uma amizade assim como eu tenho aqui no colégio que eu conheço todo mundo e que ... que a gente faz até coisas juntos fora da escola e coisas assim. Porque eu vejo ela também de manhã, vejo ela de tarde né? Aqui do colégio. Acho que isso é o principal assim, não sei...” (Agda)

Quando comparada a prática esportiva nas equipes representativas da escola com as equipes de clubes, o posicionamento foi de que as duas formas são bastante semelhantes. A metodologia de treinamento utilizada é a mesma e a cobrança pelo resultado também, porém com um nível técnico inferior. Mesmo assim, apresentam níveis similares de competitividade, de intensidade e de regularidade.

Para mim ficou evidente a coerência apresentada nos depoimentos dos alunos, pois, se nas aulas de Educação Física entendem que o esporte não recebe nenhuma forma de tratamento didático-pedagógico, o pensamento não poderia ser diferente de uma prática com menos seriedade e equivalente aos momentos de lazer e recreação. Portanto, não dedicam às aulas um comprometimento maior.

4.2.2 Os objetivos do esporte na escola

Nesta seção do trabalho procurei identificar os objetivos que os alunos percebem ou aqueles que eles pensam que deveriam ser contemplados pelo esporte no ambiente escolar. Percebi a existência de cinco grupos distintos de objetivos para o esporte na escola: o primeiro que contempla as áreas da saúde, da estética e da aptidão física; o segundo que aponta para as questões de relacionamentos sociais, a integração, a união e o grupo; o terceiro que entende que os objetivos são os de recreação e de lazer; o quarto que trabalha com a idéia dos valores morais e éticos como a responsabilidade, a personalidade e o caráter; e o quinto grupo que tem como objetivo do esporte escolar o desenvolvimento de habilidades técnicas, táticas e o rendimento em competições. Estes objetivos são semelhantes aos encontrados na literatura da área e nos planos anuais elaborados pelos professores. No entanto, quando questionados de como eram construídos os objetivos do esporte na escola, tendo em vista que não havia uma interação professor – alunos durante as aulas, os alunos foram claros em relatar que eram construídos por experiência pessoal própria. Os professores não deixavam claro, para eles, quais eram os objetivos do esporte, principalmente nas aulas de Educação Física. O contraponto era feito pelos alunos que participavam das equipes esportivas. Para eles o objetivo estava presente porque os técnicos sempre realizavam, antes dos treinamentos ou dos jogos, uma conversa com seus atletas explicando os objetivos da modalidade em questão.

No primeiro grupo, o objetivo principal do esporte na escola é o de possibilitar que os alunos, através do esporte, realizem exercícios físicos porque associam a prática destes exercícios com melhoras na aptidão física e saúde e com boas conseqüências estéticas. Este pensamento vai ao encontro dos objetivos oferecidos para área pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs quando nos dizem que a Educação Física deve oferecer e eleger como uma de suas orientações centrais, a da educação para a saúde.

“É, aqui no colégio é pra manter a forma física.” (Nicole)

“ Mas eu acho que pro colégio assim é uma coisa que acaba tipo, o aluno acaba vindo pro colégio de tarde e não fica sabe? Fazendo, que tem muitas, muitas coisas pra ti fazer além do esporte né? E normalmente é nessa idade assim que a gente enlouquece, não sei se, o esporte ajuda, ajuda a manter a pessoa assim sabe? Sempre sóbria, sempre hã saudável sabe? Eu acho que o esporte é principalmente saúde assim também, no meu ver. ” (Agda)

Para Agda, além da relação da prática esportiva com a saúde, percebi que há também um outro objetivo do esporte na escola que é a ocupação do tempo livre com atividades saudáveis. Enquanto estão na escola praticando esporte, estão, por exemplo, sem contato com as drogas. Este objetivo é compartilhado com Jeferson e Tiago:

“...o nosso país visa um pouco isso por que o índice de marginalidade é muito grande e o esporte é uma saída, entendeu? Daí eu prefiro ver um jovem numa quadra jogando bola a tarde inteira independente que ele estude do que ficar só pensando em cola, em craque, fumar um baseado sabe? Eu acho melhor isso entendeu? Por que muitos, muitos tem o objetivo de jogar bola e acabam não, não caindo na marginalidade por causa disso. ” (Tiago)

“ ...Trazer um aprendizado pra pessoa, do que tá nas ruas aí usando drogas.” (Jéferson)

Um segundo grupo de objetivos abordados pelos alunos é a questão do esporte como meio de integração e união entre as pessoas de um mesmo grupo. Durante as práticas esportivas, acontecem muitas formas de relacionamento interpessoal e estes contatos proporcionam um fortalecimento no vínculo afetivo entre os praticantes. Idéia corroborada por Gaya & Torres que acreditam que os jogos desportivos coletivos, quando bem orientados, desenvolvem:

A cooperação entre os elementos de uma equipe para vencer a oposição dos elementos da equipe adversária, desenvolvendo-se, assim, o espírito de colaboração e de entreajuda, podendo o jogo constituir-se como um campo privilegiado para que os praticantes expressem a sua individualidade, manifestem as suas capacidades e simultaneamente aprendam a subordinar os interesses pessoais aos interesses da equipe. (Gaya & Torres, 2001: 126)

Entretanto, os alunos citaram várias vezes como objetivos do esporte a união do grupo e a integração mas não se aprofundaram no assunto. Entendi que, para eles, esse objetivo era bastante óbvio.

“...interagir entre os alunos, conhecer as pessoas melhor.” (Nicole)

“...desenvolve ... não assim, tipo relacionamento entre os colegas...”
(Gabriela)

O lazer, a descontração, a diversão e a recreação também foram objetivos manifestados pelos alunos para o esporte na escola, principalmente, quando se referiam ao esporte praticado na aula de Educação Física. Para eles, o esporte é considerado um momento de relaxamento das tensões de sala de aula. É uma quebra na rotina de aula e é a oportunidade que os alunos têm durante a semana de se movimentar e sair das quatro paredes da sala. Percebem o esporte como um espaço de descanso entre um período e outro, onde podem se mexer e se movimentar, o que não acontece nas outras disciplinas.

“...o esporte é lazer também né meu? Fica só aula e aula e aula eu acho que... tem que ter esse momento de descontração...” (Pedro)

“ Bom na escola o meu objetivo é, é se livrar um pouco das quatro paredes de uma sala de aula e praticar uma coisa que eu gosto que é o futebol. É e é isso. Mais lazer.” (Amaral)

“ Ai, descontração, um momento de lazer pro pessoal. Sair de um ambiente fechado de sala de aula e correr um pouco.” (Débora)

A formação da personalidade, do caráter e de valores como o respeito, a responsabilidade, entre outros, também foram identificados como sendo objetivos do esporte escolar. Para Gaya & Torres (Op. Cit), este aspecto do esporte é importante ser trabalhado na escola e os professores devem incentivar o desenvolvimento de

fatores que incidem na formação de valores como a persistência, a honestidade e o respeito aos companheiros, às regras e às decisões.

“ Ná, eu acho que formar o cidadão assim, uma pessoa, formar, se o cara quiser continuar depois mas a princípio é formar caráter, personalidade, não sei... ..personalidade, caráter, uma pessoa honesta sempre.” (Cássio)

“ É ensinar a jogar, tentar manter a criança, o adolescente a jogar porque o esporte ajuda até no crescimento dele, da, da, da pessoa assim. Da personalidade da pessoa.

Ah, acho que o esporte hã, consegue fazer, ensinar a pessoa se organizar e ter responsabilidade assim. Porque o esporte é uma ocupação e também quando tu faz parte de um time tu se entrega, tu se integra como um grupo e até te ajuda depois a te relacionar na sociedade depois. Hã, sem, hã, tu não estabelece diferenças racial, física, pelo menos dentro do colégio né? E te ensina a como viver como um grupo assim. União, ter união com as pessoas. ” (Lucas)

Outro objetivo apontado foi o da apropriação dos fundamentos técnicos e táticos e a regulamentação básica das variadas modalidades esportivas desenvolvidas na escola. Este aspecto foi bastante abordado pelos alunos que participam das equipes. O objetivo destes alunos é competir pela escola, portanto devem dominar os fundamentos do esporte que praticam para que melhorem seu desempenho. Poucos alunos que têm contato com o esporte somente nas aulas de Educação Física vêm como sendo um dos objetivos o desenvolvimento das técnicas e gestos esportivos.

“ Ah, na escola não sei eles não podem exigir que a gente se forme atletas nem nada mas... eu acho que o objetivo da minha escola e de todas as escolas é apresentar o esporte pras pessoas, ensinar regras, ensinar métodos de realizar o esporte de forma conveniente e eu acho que tem sido bem trabalhado isso.” (Leonardo)

Acredito que os alunos definiram os objetivos do esporte na escola com muita precisão e clareza. Tendo em vista que não são os professores que apresentam os objetivos do esporte para os alunos, concluo que a participação em atividades esportivas e a forte cultura esportiva na sociedade em geral têm-se mostrado suficientes para a identificação por parte dos alunos dos objetivos propostos para o esporte dentro do ambiente escolar.

4.3 ESPORTE E APRENDIZAGEM

Nesta categoria, procurei identificar qual o aprendizado que é produzido pelo esporte e quais as contribuições do esporte na formação educativa e pessoal dos alunos. Sabendo que o esporte é reconhecidamente o conteúdo predominante da Educação Física escolar desde a quinta série do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio, procurei verificar com os alunos, o que eles aprenderam com o esporte na escola durante este período da escolaridade básica.

4.3.1 O aprendizado através do esporte.

Este tema foi um dos grandes motivadores da realização desta investigação. Na minha prática cotidiana, percebi que muitos alunos indiretamente questionavam o aprendizado nas aulas de Educação Física. Percebia que eles não estabeleciam um vínculo com as demais disciplinas da escola. Comentários do tipo, “ ah, Educação Física não é matéria ” ou “ para que vou precisar do esporte se não cai no vestibular ? ”. Estas afirmações e perguntas me inquietavam enquanto professor de Educação Física de Ensino Médio que tem o esporte como conteúdo predominante e que acredita no mesmo como um forte instrumento pedagógico capaz de proporcionar inúmeras possibilidades de construção de conhecimentos. Portanto, identificar o que os alunos aprenderam com o esporte na escola era de fundamental importância.

Com base nas respostas obtidas no campo de investigação, percebi que o aprendizado principal do esporte para os alunos está relacionado com as interações pessoais, com os relacionamentos e com a convivência em grupo. Grande parte dos alunos entrevistados mencionaram alguma forma de relacionamento como sendo o aprendizado construído a partir da prática esportiva.

Para Jeferson e Régis, a convivência em grupo ensinou que devemos confiar nas pessoas que estão ao nosso lado:

“ Ah, aprendizado na vida de convivência, de ser uma pessoa participativa, uma pessoa ativa assim, não se excluindo da sociedade.

Aprendi acima de tudo, como é que eu vou dizer, ter confiança assim nas pessoas que estão ao meu redor que. Ainda mais no futebol que são 11 pessoas, se um não tem confiança no outro um time não fica produtivo e no esporte eu aprendi isso tu tem que ter confiança pra, pra poder conseguir teus objetivos, conquistar resultados. ” (Jeferson)

“ Olha, o aprendizado pra vida foi bah, foi muito assim. De preparação, de concentração principalmente né? De saber calcular o que tu vai fazer, de saber confiar nas pessoas né? ” (Régis)

A confiança nas relações é importante na medida em que permite dividir as responsabilidades entre os participantes do grupo e porque faz com que aconteça uma aproximação maior entre os mesmos. Para Camila, esta relação de proximidade possibilitou que ela aprendesse a compreender e a entender melhor suas colegas:

“ Ai, eu acho que esporte é tem muitas coisas que influenciam assim. Tu aprende muito a ser amiga das pessoas. Isso aí é uma coisa importante sabe? É compreender o lado do outro, é saber entender sabe? Tipo se a pessoa errou um passe, errou não sei o que, saber, sabe? Não, não xingar, não, não ter educação sabe? Se , saber, te colocar no lugar da pessoa. Tem várias coisas assim que eu acho que o esporte te ajuda na tua educação, te ajuda um, um ... em tudo assim na tua vida pra tu saber levar a tua vida melhor em relação aos outros. Saber ter um comportamento em equipe, sabe? Ou até não só em equipe porque tem esporte que se faz individual. Mas eu digo pelas minhas experiências que foi só equipes é tu ter compreensão assim, saber, saber o lado do outro, entender o outro. Eu acho importante isso.” (Camila)

Concordo com Camila e acredito que um dos principais aprendizados que o esporte proporciona para as pessoas, quando bem orientado, é o de, como diz Camila, “saber levar a tua vida melhor em relação aos outros”. Segundo Santin (1999), aprender a saber viver é o que se deveria fazer ao longo da vida.

Conhecer melhor as pessoas através do diálogo, ou seja, conversar mais e saber escutar foi outro aprendizado importante relatado pelos alunos.

“ Hã, eu aprendi a me abrir um campo muito grande assim, sabe? Pra conhecer as pessoas, conhecer um outro lado do meu colégio, que eu acho que muitas pessoas não conhecem e aquilo assim ó : é amor ao colégio, amor a camiseta, é tu ... é um ... tudo que eu aprendi, tem muita coisa que eu aprendi nas duas horas de treino de tarde assim sabe? Que eu aprendi a colaborar com os meus colegas, com o meu técnico também, que era, era uma relação eu e o meu técnico muito mais, muito mais próxima assim. Eu aprendi a conversar, a ter mais responsabilidade também, aqui dentro.” (Iara)

“ Escutar as pessoas. É reivindicar. Só sei que me ajuda. Eu escuto né? Antes as outras pessoas falavam eu tá, tá, tá bom tá. Agora tipo eu escuto mais, sou, deixa eu ver que mais que eu aprendi com o esporte. União, relacionamento com as pessoas, compromisso sabe? Ter horário, ser organiza, tu tem que te organizar pra ser de uma equipe por exemplo. Tem que ter organização, tem, a hora, data marcada sabe? Tem que ter tudo, disponibilidade pra aquilo.” (Gabriela)

Acredito que aprender a se relacionar com os outros e estabelecer relações sadias, de amizade, de confiança, de respeito e de honestidade é extremamente válido dentro de um processo educacional. Penso que neste aspecto, baseado nas respostas que encontrei, a Educação Física escolar está cumprindo com o seu papel. Entretanto, entendo que outros conhecimentos também devam fazer parte dos currículos da Educação Física escolar e deveriam ser apresentados aos alunos. Nós, professores, realizamos as mais diferentes associações com várias áreas de conhecimento. Abordamos temas como a sociologia crítica, a psicologia relacional, a filosofia e outras. Ensinamos tudo sobre o esporte, mas não desenvolvemos ou oportunizamos o aprendizado do esporte em si. Não proporcionamos a alfabetização esportiva, ou seja, não desenvolvemos o aprendizado dos elementos constitutivos da estrutura interna do esporte (Carravetta, 1997).

Os alunos que apresentaram resposta neste sentido dizem que aprenderam algumas “regrinhas”. O termo pejorativo descaracteriza o aprendizado técnico do esporte, pois é a partir da regulamentação do jogo que se desenvolvem os aspectos técnicos básicos do jogo.

“ Ah, sempre umas regrinhas de um pouco de cada esporte, e nada de muita técnica.”
(Juliana)

Reconheço as dificuldades de se trabalhar com fundamentos nestas escolas e não acredito que os professores sejam os únicos responsáveis. Outros fatores interferem diretamente na determinação da metodologia de ensino e nos demais aspectos do processo de aprendizagem. Hoje, por exemplo, temos uma cultura de que o esporte na Educação Física do Ensino Médio deva ser desenvolvido exclusivamente através das formas jogadas e os fundamentos técnicos e táticos devem ser desenvolvidos no período de quinta a oitava série do Ensino Fundamental. Percebi, durante as observações, outro aspecto limitador do ensino dos fundamentos técnicos e táticos dos esportes que é o elevado número de alunos por turma, tendo em vista que as mesmas realizam aulas juntas no mesmo período. Por outro lado, há também uma acomodação dos professores em relação a esta situação, porque é mais fácil de trabalhar apenas com o jogo. Desta forma, podemos esconder nosso desconhecimento de algumas modalidades e as dificuldades individuais que apresentamos. Os alunos que relataram o aprendizado de alguma modalidade esportiva foram os que pertenciam às equipes ou aqueles que receberam a iniciação esportiva nas escolinhas da escola, nos programas extracurriculares.

Outros aprendizados que o esporte proporciona segundo os alunos são: o saber perder e saber ganhar, que a prática do esporte é benéfica para a saúde, que o esporte pode ser uma forma de lazer, a superação, a responsabilidade e a disciplina. No entanto estes foram citados por grupos pequenos de alunos, alcançando, assim, menor expressão. Dois alunos disseram que não aprenderam nada com o esporte na escola.

“ Ah, não sei haha (risos). Não, não sei o que eu aprendi. Sei lá.” (Simone)

Novamente podemos perceber que são coerentes as respostas apresentadas pelos alunos. Se anteriormente identificamos que, nas aulas, temos o jogo pelo jogo e a prática pela prática, não poderíamos esperar que os alunos percebessem o aprendizado das técnicas dos esportes.

4.3.2 As contribuições na formação pessoal e educativa.

Muitas formas de contribuições foram apontadas pelos alunos. Formaram-se três grandes blocos que concentraram a maioria das respostas das entrevistas. Foram: o lazer, o descanso e o relaxamento; a convivência em grupo, o conhecer novas pessoas e o viajar; e os valores como respeito, honestidade e disciplina. Formaram-se blocos menores que relatam a contribuição do esporte com a saúde, com a estética, com as oportunidades na vida e como orientação para a futura profissão. Novamente dois alunos entrevistados não identificaram nenhuma forma de contribuição do esporte em suas formações.

Apesar da semelhança das respostas e interpretações obtidas neste tema com as do anterior, acredito que o sentido conferido pelos alunos foi diferenciado. Por exemplo, temos a questão do lazer e do descanso. Na seção anterior, os alunos referiram que aprenderam com o esporte, que ele pode se configurar como uma possibilidade de lazer após o período escolar. Já sob este título, foi colocado, como contribuição do esporte para a formação educativa dos alunos, o lazer, pois possibilita, dentro da própria escola, períodos de descanso e de relaxamento das demais disciplinas. Portanto, podemos perceber que há concepções diferenciadas sobre lazer. A primeira apresenta uma idéia de continuidade e de aprendizado, e a segunda, de momento e de auxiliar. Percebi que os alunos necessitam de um espaço livre entre as atividades intelectuais do dia-a-dia desenvolvidas em sala de aula porque este descanso os auxilia na concentração para os demais períodos.

“ Ai, eu acho que é mais assim pra lazer e pra gente sei lá, tipo relaxar um pouco, sabe? Porque só estudo, estudo e ai um pouco pro corpo assim também, sabe? Mas mais assim pra aliviar a tensão.

Ai, eu acho que contribuiu pra mim pegar e tipo momento de lazer sabe? De ... que só o estudo assim te deixa meio louco. Daí eu acho que ajuda assim bastante.”
(Simone)

Podemos perceber que, para Simone, o esporte na escola não representa um momento de estudo e sim um alívio das tensões provocadas pelas disciplinas com

caráter mais intelectual. Na Educação Física e no esporte não há a necessidade de estudar ou de aprender algo, apenas praticar. Percebi que os alunos não percebem a contribuição do esporte em suas formações educativas de forma direta. Entretanto, para um grande grupo de alunos, este aspecto representa uma contribuição indireta porque permite que, após esse período de descanso, eles retornem para a aula e tenham um rendimento maior.

“ Eu acho que sim né? Porque nas horas que a gente tá, tá cansado, tá, tá, não quer mais estudar ou qualquer coisa assim é uma forma de relaxar né? Chega o período da Educação Física a gente vai relaxar, descansa pra voltar pra aula. Ou então não só Educação Física mas recreio, tudo isso. A escola incentiva também. Isso é isso faz bem pra gente.” (Leonardo)

Leonardo e Paulo reconhecem a importância do esporte em suas formações, porém há uma diferença marcante entre as duas posições. Paulo é bastante contraditório porque acredita que o esporte é um momento importante ao passo que questiona sua presença no ambiente escolar:

“ Que é importante e pra também entreter um pouco o pessoal. Por que ficar aí estudando numa sala de aula 6 períodos por dia é cansativo né? Daí jogar, fazer um joguinho, aquecer, esse tipo de coisa assim pra descontrair um pouco.

Pra minha formação... Olha, até acho que não. Serviu pra me deixar um pouco mais a vontade pras outras coisas né? Pra me deixar mais relaxado mas... Mais dedicado pras outras coisas dando um descanso aí. Mas diretamente eu acho que não, eu acho que não tem nada a ver o esporte dentro da escola, Educação Física essas coisas assim. Acho que não, acho que só isso.” (Paulo)

Percebi que, para este grupo de alunos, que entendem a contribuição do esporte no sentido do lazer, a Educação Física e os esportes servem como uma disciplina auxiliar às outras, não proporcionando uma contribuição específica e direta, mas complementar às demais.

Um segundo bloco se formou com a perspectiva de que as contribuições do esporte são relativas às questões pessoais. Para estes alunos, o esporte influenciou nas suas formações enquanto pessoas, na construção de valores morais e éticos e nas experiências de vida que proporcionou a cada um. Atribuíram ao esporte a

responsabilidade pela mudança de comportamento que apresentavam anteriormente à prática esportiva na escola.

“Ah, contribuiu totalmente né? O meu jeito de pensar, o meu jeito de ver as coisas, o meu jeito de trabalhar certas coisas quando me, de me relacionar com pessoas essas coisas assim. Isso mudou completamente depois que eu tive uma formação no esporte né?” (Régis)

Além das mudanças comportamentais no sentido de entender melhor as outras pessoas de um mesmo grupo, alguns alunos acreditam que mudaram, a partir da prática do esporte na escola, também suas posturas individuais. Passaram a respeitar mais as pessoas, as regras, a ter mais disciplina em relação aos seus compromissos, a ser mais honestos e a ter um comprometimento maior com outras atividades que realizam.

“ Ah, tudo isso que eu, que eu falei. Ser honesto, ser ... me deixou sempre claro isso, honestidade, me deu disciplina, aprendi bastante coisa, aprendi a respeitar um pouco mais as pessoas assim, eu não, quando eu era mais guri assim eu não tinha muito respeito e aprendi a respeitar um pouco mais as pessoas, ter responsabilidade, isso aí.” (Cássio)

Outra contribuição que evidenciei, com base nas respostas fornecidas pelos alunos, está relacionada com as mudanças físicas ocorridas com o envolvimento nas equipes esportivas da escola. O esporte, desta forma, ajudou alguns alunos no sentido de ser o elemento motivador para que eles começassem um processo de emagrecimento que, por sua vez, contribuiu para uma melhoria em outros aspectos da vida pessoal.

“ Com certeza né? O esporte me ajudou ... hã, fisicamente ele alterou muitas coisas né? Desde emagrecer uns 20 quilos eu acho ... hã, isso acarreta também, hã, muitas mudanças psicológicas né? Uma vez que a pessoa se sente melhor ela, hã tem mais disposição, mais vontade, tá mais integrada em todas as outras coisas que ela faz não necessariamente só físicas como em geral assim, no dia a dia. Hã, melhora o estado físico, melhora moral, eu acho que é isso aí, principalmente isso aí.” (Juliano)

O esporte na escola também influenciou a decisão de alguns alunos com relação ao futuro profissional. A partir das práticas esportivas realizadas nos treinamentos das equipes ou nas aulas de Educação Física, os alunos decidiram frequentar algum curso superior relacionado à área.

“ Sim, como eu disse que eu jogo, que eu jogo, que eu faço esporte desde pequena, mas o basquete desde da quinta série, então faz quase nove anos. Que eu acho que o esporte assim mostrou um lado que é, que é, sei lá, acho bom né? Eu acho que é bom tu ficar cuidando da tua saúde, saber fazer uma, uma, um esporte, alguma coisa que te dê um prazer uma realização e isso refletiu na minha vida tanto que eu quero fazer Educação Física e quero trabalhar na área do esporte ou como técnica ou como conseguir.” (Letícia)

Penso que, apesar de ter sido identificado um grande número de possíveis contribuições do esporte na formação de nossos alunos, as maiores se concentraram e se resumiram nos aspectos relacionados com o desenvolvimento da pessoa humana. Embora não se trate de um estudo que procura apresentar os resultados através de comparações matemáticas, acredito que, neste momento, são importantes alguns dados neste sentido para uma melhor compreensão dos mesmos. Dos 38 entrevistados, 27 apresentaram em suas respostas alguma forma de contribuição que vai ao encontro da formação pessoal. Sejam elas morais, éticas, relacionais, psicológicas, sociais, físicas ou estéticas.

4.4 A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

Nesta categoria, procurei identificar quais as disciplinas do currículo escolar são mais importantes na percepção dos alunos, quais as funções da escola e por que a opção pela escola privada. Com estas análises pretendi verificar qual o conhecimento é mais valorizado pelos alunos e como percebem a educação na escola particular.

4.4.1 As disciplinas escolares

Percebi dois aspectos significativos com relação às disciplinas escolares. Primeiro, que a importância das mesmas para os alunos está relacionada com a escolha profissional e com a necessidade de aprovação no vestibular. Segundo que consideram também relevantes aquelas que são utilizadas no dia-a-dia como o Português e a Matemática. Estes fatos demonstram o caráter utilitarista e imediatista com que os alunos percebem o conhecimento.

“ Hã, eu acho as mais importantes história, português e História, português, geografia e matemática.

É por que são matérias que tu usa mais no dia a dia assim tu ... pode aprender bastante coisa e poder usar elas. Não que as outras não use, mas eu acho que essas são as que mais são importantes.” (Gilnei)

As duas disciplinas identificadas como as mais importantes para os alunos revelam exatamente este pensamento. O Português, porque é a nossa língua, portanto, devemos saber nos expressar através da fala, da escrita e da leitura nas atividades cotidianas. E a Matemática, porque desenvolve o raciocínio lógico que também é extremamente útil nas tarefas diárias.

Nas palavras de Amaro e Flávia ficam claramente colocados estes aspectos:

“ Disciplinas importantes...eu considero a biologia, que é uma coisa que eu vou utilizar por que eu também vou fazer Educação Física né? Hã a matemática também é outro ponto importante porque hoje em dia assim tu usa muito a matemática e eu acho que só essas duas. Português também no uso da língua né?” (Amaro)

“ Eu pra mim eu considero bastante importante biologia porque eu quero fazer vestibular pra medicina. Então eu acho que é bem ligado. Matemática porque é uma coisa que todo mundo tem que saber, ela tem que ter uma noção, português também. Eu acho que português, matemática e biologia são as 3 que mais vão influenciar na minha vida assim. Já influenciaram e vão continuar influenciando.” (Flávia)

Evidenciei que o pensamento exposto acima é corroborado pela maioria dos alunos entrevistados. Diversas disciplinas foram citadas como as mais importantes pelo fato de estarem associadas à profissão que os alunos seguirão. Casualmente, para Amaro e Flávia a disciplina é a mesma, a Biologia.

Outro aspecto que podemos observar é que as disciplinas assumem determinada importância no momento em que são contempladas no vestibular, ou seja, são conhecimentos considerados importantes pelos alunos porque refletirão diretamente no futuro acadêmico e profissional.

“ Eu, eu não considero Educação Física importante assim pra, pra fazer aula assim. Eu acho legal fazer mas eu não considero importante assim sabe? Eu considero importante as disciplinas assim que mais caem no vestibular assim, daí eu acho que é física, química, essas coisas assim.” (Fernanda)

O pensamento apresentado por Fernanda vai ao encontro do de seus colegas, a diferença é que ela demonstra claramente a desvalorização com que os alunos percebem os conhecimentos que não são abordados no concurso vestibular. Novamente a Educação Física é marginalizada do processo. Entretanto, desta vez, está acompanhada de suas colegas que representam um conhecimento que não é exigido nas provas de seleção para o ingresso nas universidades, o Teatro, as Artes Plásticas, a Filosofia, a Sociologia e a Música, por exemplo.

Penso que o vestibular é hoje o maior problema da educação brasileira porque ele tem influenciado negativamente todo o sistema educacional. A escola, por seu intermédio, principalmente as particulares, passaram a ser instituições que preparam seus alunos apenas para uma prova, para uma avaliação e para a memorização de alguns conteúdos. No meu entendimento este fato é o grande responsável pelo desinteresse e pela desmotivação encontrada nos alunos de Ensino Médio. É o que leva ao distanciamento que percebemos hoje entre os conteúdos desenvolvidos na escola dentro de sala de aula e os conhecimentos necessários à vida e ao cotidiano dos nossos alunos. Letícia, em sua manifestação, aborda esta questão:

“ Isso é as disciplinas, tá, eles são, eles mostram que a gente, muitas coisas que só vão cair no vestibular que tu é obrigado a aprender por causa do vestibular e

não por causa que tu precisa pra tua vida assim. É só por causa daquele momento, daquelas provas. Eu acho que isso aí, ah é bom, mas tem outros momentos que tu pode aprender isso também. Deveria ser mais cobrado no colégio o que tu vai usar na tua vida. Não naquele momento só do vestibular.” (Letícia)

Em relação a Educação Física e ao esporte, percebi que os alunos a consideram como uma disciplina importante, mas como auxiliar às outras. Porém, o que me chamou a atenção foi o grande número de alunos que citou a Educação Física entre as suas mais significativas. Um pensamento que considerei interessante foi o de Gabriela:

“ Educação Física, porque eu acho que pra ti ter uma turma legal, pra tua aula poder ser boa, por exemplo, em matemática, física ou qualquer outra coisa tem, tem que, tem que te relacionar bem com os teus colegas, tem que sabe? Tem que ser uma aula agradável. Eu acho que a Educação Física é um meio, uma maneira de distração que tu aprende certas coisas, entendeu? Apesar de contas tu aprende a alongar, umas coisas assim entendeu? Pra que tu, o que tu trabalhando, o que não sei que. E deixa eu ver que mais... não sei eu gosto de história, de ... história eu acho interessante... porque eu gosto de história? Porque é história, por causa do professor que é muito bom (risos). E eu acho que só, eu acho que Educação Física é uma das melhores. Eu acho que Educação Física tem que ser, é essencial, entendeu ? Pra ti ter uma... qualquer, tipo pra ti ir nas outras matérias tu tem que ter, tem que ter Educação Física.” (Gabriela)

Gabriela nos diz que, para um melhor aprendizado das demais disciplinas, é importante um relacionamento bom entre os colegas de turma e que este é alcançado através da Educação Física, demonstrando, assim, o caráter auxiliar da disciplina. Penso que falta à Educação Física uma identidade própria enquanto conteúdo escolar.

A História foi também bastante citada e considerada importante porque, segundo os alunos, é importante conhecermos o passado para entendermos o presente.

“ Tá eu gosto bastante assim de história, gosto de literatura, hã, gosto ... é nem tanto assim mas um, gosto de biologia. Assim história e literatura por que eu acredito que pra tu entender o presente primeiro tu precisa entender o passado.” (Cláudio)

“... História por que história tu aprende como é que são as culturas, os povos assim, tu entende porque as coisas são hoje em dia, somente vendo como é que, porque chegaram até aqui né.” (Ricardo)

Para mim, ficaram bastante evidentes, em todas as entrevistas, os dois aspectos relacionados anteriormente. As disciplinas e os conhecimentos escolares necessitam de um sentido externo e devem estar vinculados ou à utilidade diária ou ao futuro imediato dos alunos para serem por eles considerados importantes.

4.4.2 As funções da escola

Existe, na sociedade atual, um forte pensamento de que a função da escola é de preparação para o futuro profissional e que, para ser alguém na vida, é preciso ter, no mínimo, a escolaridade básica. Esta idéia provém da enorme desigualdade social presente em nosso país, onde milhões de pessoas não têm acesso às condições básicas para a manutenção de uma vida digna e saudável. Portanto, a escola se configurou, ao longo dos tempos, em mais uma forma de aumentar esta desigualdade porque oferece possibilidades de educação apenas para uma pequena parcela da população e, deste modo, perpetua a ordem social vigente. Aqueles que freqüentam a escola têm aumentadas as suas chances de conseguir uma boa remuneração através de um bom emprego e desta forma passar a “ser alguém”.

Apresentei esta breve introdução porque percebi que este pensamento está presente em um grupo grande de alunos que entrevistei. Identifiquei dois grupos que apresentaram posicionamentos, no meu modo de ver, antagônicos. O primeiro que entende como funções da escola a preparação ao mercado de trabalho; e o segundo que acredita que a preparação para a vida é o objetivo da escola. Acredito que no primeiro grupo, há uma inversão de valores porque, no entendimento deles, para “ser alguém”, é necessário: concluir a educação básica, ser aprovado no vestibular, cursar um curso superior e ser selecionado para um emprego com boa remuneração. Esta idéia nos leva a pensar que, se não concretizamos estas metas, não somos “ninguém”.

Os alunos, quando perguntados sobre quais as funções da escola e por que a freqüentavam, revelaram este sentimento:

“ Ah, por que eu acho que a escola vai te dar a base pra ti fazer o vestibular. E pra ti ser alguém na vida tem que ter uma faculdade e no caso passar no vestibular. Acho que era isso.” (Fábio)

“ Pra mim as funções são também de, da convivência com outras pessoas, hã, saber lidar com pessoas de todos, todas as, os temperamentos e pra, pra ter uma base pra ser alguém na vida. Ter um futuro bom, ter um, fazer uma faculdade, um curso superior.” (Guilherme)

“ Ah, pra ser alguém. Tipo, ter conhecimento pra poder depois cursar uma faculdade.

Algo assim. Sei lá tipo não vou saber nada. Não vou poder trabalhar, ter um bom emprego depois.” (Débora)

As funções da escola passam a ser orientadas neste sentido e carregam uma visão reducionista de educação que, desta forma, se constitui apenas na aprendizagem de um conjunto de conhecimentos técnicos e científicos e não apresenta relação significativa com a formação para a vida. A primeira função que evidenciei entre os alunos é a de preparação para o vestibular. Função considerada de extrema importância, pois é o primeiro passo em direção aos objetivos de encaminhar o futuro profissional e acadêmico. Pablo em suas palavras deixa claro que é contrário a esta forma de trabalho, mas revela o pensamento que norteia a educação escolar.

“ Acho que antes era uma maneira de te ... de te lapidar culturalmente eu acho. Só que hoje eu acho que tá tudo voltado pro vestibular. Porque eles não tão mais fazendo alunos com cultura, tão fazendo alunos que são uma máquina, que tem que passar no vestibular. Essa aí é a obsessão das pessoas hoje em dia.” (Pablo)

A segunda função é de oferecer elementos e possibilitar várias visões de diferentes formas para que os alunos possam realizar suas escolhas posteriores. É oportunizar variadas experiências para que os alunos vivenciem e possam optar futuramente qual delas foi mais significativa e marcante.

“ Tu pensa, raciocina e ela, ela te mostra várias visões né? De várias áreas tu trabalha a que tu gosta mais, que tu acha melhor. Meio que já vai ... moldando assim né? O teu jeito de pensar assim. Pra área que tu vai mais. Daí agora chega na faculdade daí tu escolhe tua área. Tu escolhe tua área e aí acaba teu jeito já.” (Régis)

A terceira é a de preparar para o Ensino Superior e para o trabalho e tem como etapa anterior a conclusão do Ensino Médio. Nesta perspectiva podemos concluir que o esporte, apesar de contribuir na formação pessoal e educativa, não apresenta relações que o justifique no ambiente escolar. Somente para aqueles que pretendem ser atletas profissionais haveria algum sentido.

“ Pra, pra minha formação né? Tipo eu vou, vou fazer uma faculdade agora e preciso antes passar por uma escola. Por isso que eu faço. Que eu estou na escola pra mim poder entrar na faculdade e poder ter a minha profissão né? Pra no futuro poder exercer o que eu quero né?” (Agda)

“ Por que eu preciso me formar por que se não eu não consigo emprego se eu quiser. Eu acho que é, aí eu acho que isso.” (Simone)

O contraponto é realizado por um outro grupo de alunos que consideram a função principal da escola a formação para a vida. Aprender a viver e aprender que a escola é uma parte da sociedade e que, para fazer parte dela, é necessário o aprendizado de comportamentos, posturas, valores morais e éticos como a solidariedade, o respeito, a responsabilidade e a disciplina.

“ A escola? Eu acho que ela tem o papel fundamental da, eu agora tô acabando o ano eu tava pensando muito nisso sabe? De, que eu acho que tu passa a tua vida inteira nessa questão de colégio e eu acho que a escola te torna o que tu vai ser pro resto da tua vida, entendeu? É um, são no caso 13, 12, 13, 14, 15 anos que tu aprende, tu te forma é aquilo ali que tu vai ser sempre, entendeu? É o teu corpo se formando dentro da escola, o teu espírito, as coisas que tu vai pensar, as tuas idéias, o que tu vai querer defender na tua vida, muitas vezes ti trás da escola. Eu acho que a escola tem um papel fundamental pra ser a chave pra formação de alguém, de um cidadão.” (Iara)

“ Ai, eu acho que escola é fundamental né? Pra ti . Eu acho que é o teu, a tua segunda casa pra ti. Escola é onde tu tá conquistando a tua personalidade assim. Tu chega aqui tu sabe? Não, não, não tem experiência em nada tudo. Teus primeiros amigos geralmente são na escola tudo. Eu acho que escola é muito importante pra tudo, tanto pra tua cultura quanto pro teu conhecimento de tudo assim, amigos, eu acho que escola ...” (Camila)

Estes pensamentos ampliam a visão de educação apresentada anteriormente e concordam com Delval (2001) quando afirma que a escola tem a função de oferecer uma educação do tipo geral que:

Prepara o indivíduo para desenvolver-se na vida, que contribuiu para a formação do caráter, da identificação com a sociedade, para promover o amor e a vinculação com o próprio grupo social, para a aquisição das habilidades sociais, para as formas de cortesia e para o trato com os outros. (Delval, 2001: 82)

De Masi (2000), da mesma forma, afirma que uma das funções da escola deveria ser a de ensinar os alunos para o não-trabalho, para o ócio. Ócio entendido como uma possibilidade de enriquecimento pessoal através de atividades culturais, recreativas, esportivas, etc. Portanto, concordo com o segundo grupo de alunos porque acredito que a grande função da escola, além da preparação para o trabalho, é de oportunizar o aprendizado de situações da vida real que acontecem nos momentos livres e de lazer. Penso que para, “ser alguém”, precisamos muito mais do que ter uma formação acadêmica do tipo técnica científica e ter um bom emprego. Significa convivermos no mundo e com o mundo de forma solidária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 AS LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A principal limitação do meu estudo foi a impossibilidade de me dedicar a ele exclusivamente. Este fato se refletiu em todas as demais etapas do processo de construção da dissertação final. A segunda limitação, que foi a inexperiência em estudos deste porte, poderia ter sido resolvida se houvesse tempo para uma maior envolvimento com a investigação. No entanto, compromissos de diversas ordens impediram tal possibilidade.

Nunca havia realizado um estudo tão aprofundado e com tanta seriedade como este. Durante vários momentos, senti-me confuso e perdido no meio das inúmeras informações que obtinha através da ida ao campo ou da leitura de referências bibliográficas.

As diferentes visões metodológicas também foram um fator de limitação. Mostrava o projeto para muitas pessoas e cada uma delas me dava uma orientação que parecia me levar para pontos opostos. Uns o consideravam muito bom, outros me apresentavam pequenas modificações e outros me indicavam mudanças profundas. Durante muito tempo caminhei só. Vencer os momentos de angústia e a vontade de abandonar o curso, foram as maiores dificuldades. Como bem descreve Umberto Eco no livro “Como se faz uma tese”, fui vítima da neurose da tese. A deixei de lado, retomei-a, me senti irrealizado, entrei em estado de depressão, me vali da tese como álibi para muitas covardias e tive a impressão de que nunca concluiria.

Já no período de coleta de informações, a falta de experiência se constituiu na maior limitação. Apesar de o estudo preliminar ter sido realizado com características semelhantes, o campo de pesquisa demonstrou um dinamismo muito grande, exigindo improvisos na coleta de dados.

Nas entrevistas com os alunos que participaram da investigação encontrei dificuldades, pois não desenvolviam seus pensamentos e apresentavam respostas

muito curtas como: sei lá; acho que sim; não sei; aprendi. Necessitava de respostas com mais conteúdo ou mais longas, para que conseguisse uma melhor análise e interpretação. Além disso, deveria ter o cuidado para que os alunos não perdessem a motivação durante a entrevista.

Obriguei-me a adquirir hábitos que não possuía como o da leitura e o da redação. Li muito e escrevi como nunca. A falta desses costumes limitaram minhas exposições porque encontrei dificuldades em transpor meus pensamentos para a forma escrita. Acreditava que o conhecimento poderia ser desenvolvido apenas através das experiências práticas do cotidiano e da expressão oral.

A insegurança nas tomadas de decisões foi um fator negativo durante o processo de elaboração da pesquisa e que me ocupou bastante tempo. Tinha medo de seguir o rumo errado e depois não ter tempo para recuperar o caminho certo. Buscava orientações de forma errada a todo momento e isso só aumentavam minhas dúvidas.

Contudo, acredito que, com muito esforço, consegui me superar e chegar até o final de uma etapa muito importante em minha formação acadêmica. Penso que as limitações que tive são inerentes a um primeiro processo de investigação científica e entendo que foram sendo superadas na medida em que, durante a pesquisa, fui amadurecendo enquanto investigador.

5.2 IDÉIAS DE CONTINUIDADE

Muitas são as possibilidades de continuidade para este tema. Acredito que apresentei apenas uma de muitas abordagens possíveis. Como sugestão de continuidade apresento as seguintes idéias:

- A análise a partir de outros contextos, em escolas públicas ou em um número maior de escolas particulares.
- A perspectiva dos professores ou dos administradores de escola.
- As questões de gênero e as percepções do esporte na escola.

- Os objetivos com a prática esportiva na Educação Física do Ensino Médio para os professores.
- As diferenças entre o discurso teórico e a prática cotidiana.
- As metodologias de ensino da Educação Física. O método global e parcial.
- Estudo comparativo entre o atleta e o aluno.

5.3 CONCLUSÃO FINAL

Acredito que dificilmente podemos estabelecer conclusões finais sobre um determinado tema investigado. A cada momento do processo investigatório se apresentam novas possibilidades de exploração e de interpretação. Entretanto, penso que obtive respostas suficientemente satisfatórias no sentido de responder ao seguinte problema de pesquisa:

Como os alunos do terceiro ano do Ensino Médio das escolas particulares estudadas percebem o esporte na escola e qual a relação que eles estabelecem entre o esporte e os seus processos de formação educativa?

Procurei, a partir da metodologia qualitativa do tipo etnográfico, estabelecer os instrumentos de coleta de dados que permitiram posteriormente uma análise aprofundada do tema em questão. Utilizei, como instrumentos de coleta, informações: a observação participante, a entrevista semi-estruturada, o diário de campo e a análise documental. Dando seguimento ao processo de investigação, após coletadas as informações, agrupei-as em quatro categorias.

Na primeira categoria, a prática esportiva nas escolas, identifiquei os conceitos atribuídos pelos alunos ao esporte, as suas diversas experiências esportivas e a percepção que têm a cerca da disciplina de Educação Física. Percebi que o conceito de esporte era bastante amplo e envolvia todas as atividades físicas, independentemente das características específicas do esporte como a competição, e o rendimento. Percebi também que não necessitava de regras para ser praticado. Uma simples caminhada ou andar de bicicleta é considerada uma atividade esportiva.

Conceito este que foi conflitante com o meu, pois acredito que o esporte é uma forma de manifestação humana que obedece a determinados padrões e a uma regulamentação específica e tem como elementos principais a competição e o rendimento. A partir deste conceito, entendo que andar de bicicleta é uma atividade física e somente passará a ser esporte, ciclismo, quando sobre esta atividade forem colocados os elementos constitutivos do esporte. Acredito que o mesmo pensamento é válido para a relação entre caminhada e marcha atlética.

A segunda conclusão foi de que o esporte realmente exerce forte influência na sociedade, visto que todos os alunos tiveram ou têm alguma forma de experiência esportiva para relatar. Na escola, praticam nas equipes esportivas ou nas aulas de Educação Física os esportes tradicionais como o voleibol, o futsal, o futebol, o basquetebol e o handebol e, em outros ambientes, possuem experiências bastante diversificadas. As experiências esportivas, negativas ou positivas, mais marcantes foram as que envolviam situações de competição. Concluí que os alunos percebem a competição como uma forma de avaliação do esforço e do empenho durante o período de treinamento e que não há a necessidade da negação do adversário.

Consideram a estrutura esportiva das escolas bastante apropriadas para a prática de esportes e para a realização das aulas de Educação Física. Da mesma forma entendem que o material utilizado é de boa qualidade.

Quanto às aulas de Educação Física, percebem dois momentos, o aquecimento e o jogo. Não é identificada por eles nenhuma rotina de finalização da aula. Também percebem que o professor interfere em raras situações. Dividiram-se em dois grupos ao se posicionarem sobre as aulas. Um grupo que concordava com a metodologia aplicada pelos professores que trabalha apenas com as formas jogadas e outro grupo que gostaria que fossem desenvolvidas atividades de aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos.

Na segunda categoria, o esporte na perspectiva dos alunos, identifiquei as diferenças entre o esporte que é praticado dentro e fora da escola e os objetivos atribuídos ao esporte escolar pelos alunos.

A grande diferença está na seriedade com que o esporte é praticado. Na escola os alunos percebem que o esporte é menos sério que o esporte competitivo

praticado nos clubes. Porém, o esporte na escola, quando comparado ao esporte de lazer, é visto com maior seriedade porque existe o acompanhamento de professores especializados. Fora também há um comprometimento maior porque a iniciativa de praticar é de livre escolha, enquanto, na escola, nas aulas de Educação Física são obrigatórias. O esporte praticado no ambiente escolar permite que sejam construídas relações de amizade porque é realizado com os colegas com quem passam boa parte do tempo. No clube somente se encontram durante os períodos de treinamento.

Quanto aos objetivos do esporte na escola, os alunos percebem cinco grupos distintos que são: de manter a forma física através da prática esportiva, o de estabelecer relacionamentos com os colegas, de proporcionar a construção de valores morais e éticos, de oportunizar momentos de recreação e lazer e de desenvolver habilidades técnico táticas, preparando-os para as competições.

Na terceira categoria procurei identificar qual é o aprendizado produzido pelo esporte que é percebido pelos alunos e quais as contribuições do esporte em sua formação educativa e pessoal. Ficou claro que o principal aprendizado construído pelos alunos a partir de suas práticas esportivas está relacionado com as interações pessoais e com a convivência em grupo. Somente os alunos que participam das escolinhas esportivas ou das equipes representativas aprendem os fundamentos técnicos e táticos dos esportes. Não há este aprendizado nas aulas de Educação Física do Ensino Médio porque não são desenvolvidas atividades que proporcionem a apropriação dos fundamentos das diferentes modalidades esportivas praticadas na escola. Para os alunos, o esporte contribui na formação educativa enquanto um momento de alívio das tensões provocadas pelo acúmulo de disciplinas que exigem maior concentração intelectual. Contribui, também, para que os alunos possam conhecer novas pessoas e para a construção dos valores como respeito, responsabilidade, honestidade e disciplina.

Na quarta e última categoria, a escola na perspectiva dos alunos, identifiquei, através da importância atribuída às disciplinas que compõem o currículo do Ensino Médio, quais os conhecimentos são considerados mais importantes para os alunos, bem como, analiso as funções da escola na perspectiva dos mesmos. Os conhecimentos mais importantes, para os alunos, são aqueles que possibilitam uma

utilização imediata, seja para o vestibular ou para as atividades cotidianas. Em relação às funções da escola, os alunos ficaram divididos em dois grandes grupos. Um grupo entende que a função da escola é a preparação para o vestibular, para o Ensino Superior e para o exercício profissional, enquanto o outro entende ser função da escola a preparação para a vida, para o convívio entre as pessoas.

Acredito que alcancei meu objetivo principal na realização desta pesquisa que era de dar vozes aos alunos dentro da discussão na área da Educação Física e dos Esportes nas escolas estudadas. De procurar um outro olhar sobre a prática docente e de percorrer o caminho inverso no processo educativo escolar. Esta investigação permitiu explorar o significado e o sentido de nossas ações pedagógicas a partir da perspectiva dos alunos, rompendo com o tradicional onde todas as definições e decisões acontecem com base nos pressupostos teóricos dos professores. Conhecer como os alunos entendem e percebem o esporte na escola permite uma redefinição de conceitos e posturas no sentido de encaminhar propostas que possibilitem a construção de processos de ensino e aprendizagem mais próximos da realidade encontrada.

6. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares**. São Paulo: Arts Poética, 1995.

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BONONE, Carlos Gabriel Gallina. **A prática da Educação Física na Escola Privada de Ensino Médio – Perspectiva do Professor**, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Movimento. Porto Alegre, n. 12, p. XIV – XXIV, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 27. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Bases Legais, Brasília, 1999. v.1.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Bases Legais, Brasília, 1999. v.2.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Bases Legais, Brasília, 1999. v.2.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola: A Educação Física como componente curricular**. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CARRAVETTA, Élio Salvador. **O esporte olímpico: um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998.

CASTELLS, Manuel; FLECHA, Ramón; FREIRE, Paulo et al. **Novas perspectivas críticas em educação**. Tradução Juan Acuña. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.51-66.

DARIDO, Suraya Cristina. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.20, n.1, p.58-66, set. 1997.

DE MASI, Domênico. **O ócio criativo**. Tradução Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DELVAL, Juan. **Aprender na vida e aprender na escola**. Tradução Jussara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

DESLANDES, Suely Ferreira. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.51-66.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1997.

- FREITAS, Antônio L. C. de. O saber desportivo como referência do planejamento escolar. In: SANTOS, Edmilson Santos dos (Org.). **Educação Física escolar por uma cultura desportiva**. Porto Alegre: Sulina: Novo Hamburgo: FEEVALE, 1998.
- GAYA, Adroaldo. **Sobre o esporte para crianças e jovens**. Movimento. Porto Alegre, n. 13, p. I – XIV, 2000.
- GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane. Pedagogia do desporto: uma abordagem construtivista referenciada ao esporte na escola. In: SANTOS, Edmilson Santos dos (Org.). **Olho mágico: o cotidiano, o debate e a crítica em educação física escolar**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1999.
- GERBER, Ellen W. **Innovators and Institutions in Physical Education**. Philadelphia: Lea & Febiger, 1971.
- GRECO, Milton. **Interdisciplinaridade e revolução do cérebro**. São Paulo: Pancast Editora, 1994.
- GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino (organizadores). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MOLINA, Rosane M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/Sulina, 1999. p.95–105.
- MOLINA NETO, Vicente. **A prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

- ____. A cultura do professorado de educação física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**. Porto Alegre, n.7, p.34-42, 1997.
- ____. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Editora da Universidade/Sulina, 1999. p.107-139.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. Ed. São Paulo: Cortez: Brasília: UNESCO, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.51-66.
- NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Editora da Universidade/Sulina, 1999. p.61-93.
- NEUENFELDT, Derli Juliano; CANFIELD, Marta de Salles. **Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal**. **Movimento**. Porto Alegre, n. 14, p. 28 – 36, 2001.
- SANTIN, Silvino. **A biomecânica entre a vida e a máquina: um acesso filosófico**. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1996a.
- ____. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: Edições EST, 1996b.
- ____. **Educação Física: educar e profissionalizar**. Porto Alegre: Edições EST, 1999.
- ____. Esporte co-educação: em busca de princípios que possibilitem pensar a co-educação do esporte. In: **Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1996c.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinariedade: o currículo integrado**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Medicas, 1998.

STIGGER, Marco Paulo. **Desporto, multiculturalidade e educação: do desporto na escola, para o desporto da escola**. Educação, Sociedade & Culturas. Porto, n. 12, p. 63 – 84, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de Educação Física**. In: GOELNNER, Silvana Vilodre (org). Educação Física / Ciências do esporte: intervenção e conhecimento. Florianópolis: CBCE, 1999.

7. ANEXOS

7.1 ANEXO I – RELAÇÃO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE ENSINO MÉDIO DE PORTO ALEGRE.

01. Colégio Anchieta
02. Associação Cristã de Moços
03. Escola de I e II graus Assunção
04. Colégio Batista
05. Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho
06. Escola Maternal e Jardim de Infância Castelinho
07. Escola Especial CELSP – Concórdia
08. Instituto Vocacional Luterano CENASA
09. Colégio Champagnat
10. Colégio Concórdia
11. Escola Conhecer
12. Colégio Cruzeiro do Sul
13. Colégio Dom Bosco
14. Escola Dom Luís Guanella
15. Centro Educacional Adventista do Sarandi
16. Colégio Adventista de Porto Alegre
17. Colégio Adventista Marechal Rondon
18. Escola Adventista do Partenon
19. Colégio Farroupilha
20. Colégio Nossa Senhora da Glória
21. Colégio Americano
22. Colégio IPA
23. Escola Irmão Ernesto Dewes
24. Colégio Marista Irmão José Otão
25. Escola Irmão Weibert
26. Colégio Israelita Brasileiro
27. Escola João Antônio G P Leite
28. Escola João Paulo I
29. Escola João Paulo I
30. Colégio João XXIII
31. Escola José César Mesquita
32. Colégio La Salle – Dores
33. Colégio La Salle – Santo Antônio
34. Colégio La Salle – São João
35. Sociedade Educacional LECRISTO
36. Colégio Leonardo Da Vinci – Alfa

37. Colégio Leonardo Da Vinci – Beta
38. Sociedade Educacional Liana Wolkind
39. Colégio Nossa Senhora de Lourdes
40. Escola de Educação Mãe Admirável
41. Escola Mãe de Deus
42. Escola Maria Goretti
43. Colégio Maria Imaculada
44. Escola de Ensino Médio Maua
45. Escola Monteiro Lobato
46. Colégio Murialdo São José
47. Colégio Navegantes
48. Escola Pastor Dohms
49. Escola Pequeno Príncipe
50. Escola Rainha do Brasil
51. Colégio Nossa Senhora do Rosário
52. Colégio Salvador Sinodal
53. Colégio Santa Doroteia
54. Colégio Santa Família
55. Colégio Santa Inês
56. Associação Educacional Santa Rita de Cássia
57. Colégio Santa Rosa de Lima
58. Colégio Santa Teresa de Jesus
59. Colégio Santo Inácio
60. Escola São Francisco
61. Colégio São João Batista
62. Instituto educacional São Judas Tadeu
63. Escola de Ensino médio São Luiz
64. Colégio São Manoel
65. Colégio São Pedro
66. Colégio Sevigne
67. Sindicato dos Empregados do Comércio – SINDEC
68. Colégio de Ensino Médio Unificado
69. Colégio Vera Cruz
70. Instituto Vicente Pallotti

7.2 ANEXO II – CARTA DE APRESENTAÇÃO ÀS ESCOLAS

Porto Alegre, de janeiro de 2001.

Ilm(a). Sr(a)
Diretora do Colégio
Nesta Capital

Sr(a). Diretor(a).

Sou aluno do curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tenho como tema de minha investigação “A relação entre Esporte e Educação na Perspectiva dos Alunos das Escolas Particulares de Porto Alegre”. Portanto, gostaria de contar com a participação desta renomada instituição de ensino no sentido de permitir minha entrada para a realização de meus estudos junto aos seus alunos de Ensino Médio.

Posteriormente, estarei enviando correspondência aos responsáveis pelos alunos solicitando a permissão para que possam vir a participar deste estudo. Da mesma forma estarei visitando a escola a fim de lhe expor pessoalmente e a todos os demais envolvidos na pesquisa, a natureza do trabalho, meus objetivos e suas finalidades.

Sem mais para o momento, agradeço-lhe antecipadamente.

Atenciosamente,

Carlos Eduardo Berwanger

7.3 ANEXO III – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.**Entrevista n°:**

Escola:

Aluno:

Data da Entrevista: ___/___/___

Data da Transcrição: ___/___/___

Início:

Término:

01. Gostaria que me descrevesse as tuas experiências esportivas.
02. E na escola? Há quanto tempo estudas em escolas particulares e quais foram tuas experiências esportivas na escola?
03. Gostaria que me falasses sobre a estrutura esportiva da tua escola. Como estão organizadas as atividades esportivas que conheces dentro da escola?
04. Me fala como são as tuas aulas de Educação Física. O que vocês fazem, quais as atividades que mais gostam e como é a rotina da tua aula. Como inicia e como termina.
05. Como tu compararias o esporte que é praticado fora da escola ao que é praticado dentro da tua escola.
06. Descreve alguma experiência esportiva que foi importante para ti e que de alguma forma te marcou.
07. E na tua perspectiva, quais os objetivos do esporte na escola?
08. Qual o aprendizado que o esporte te trouxe ao longo do período escolar?
09. Em algum sentido o esporte contribui com a tua formação? Como?
10. Em relação a tua formação escolar, que disciplinas consideras mais importantes e por quê?
11. Quais as funções da escola para ti? Por que tu a frequentas e quais os motivos que te levaram a optar pela escola particular, e ,em especial, por esta?
12. Tens mais alguma consideração que gostarias de fazer que não tenha sido contemplada ao longo da entrevista?

7.4 ANEXO IV – PAUTA DE OBSERVAÇÕES.

Observação n°:

Escola:

Assunto observado:

Local:

Data: ___/___/___

Início:

Término:

01. Observar o rito de início das aulas.
02. Observar a interação entre os alunos.
03. Observar a interação dos alunos com o professor.
04. Observar a interação do professor com os alunos.
05. Observar a dinâmica de desenvolvimento da aula.
06. Observar os momentos de intervenção por parte do professor para com os alunos e vice versa.
07. Observar os conteúdos desenvolvidos.
08. Observar quantos alunos participam das atividades práticas.
09. Observar o rito de conclusão da aula.

7.5 ANEXO V – SONDAAGEM.

Nome:

Data de nascimento:

Sexo:

1) Você pratica alguma modalidade esportiva fora da escola ?

() Sim Qual ? _____

 Onde ? _____

 Há quanto tempo pratica ? _____

() Não

2) Você pratica e participa de alguma modalidade esportiva ou programa esportivo oferecido pela escola ?

() Sim Qual (ais) ? _____

 Há quanto tempo pratica ? _____

() Não

3) Quanto tempo estuda em escola particular ?

4) Quanto tempo estuda na escola atual ?

7.6 ANEXO VI – UNIDADES DE SIGNIFICADO.

1. a experiência esportiva fora da escola
2. academia, ginásticas como esporte
3. experiência esportiva na escola
4. falta de tempo para fazer esporte
5. distância da escola dificulta a vinda
6. a escola como única fonte de esporte
7. as 4 modalidades trabalhadas
8. a rotina da efí, sempre a mesma coisa
9. falta de interesse dos alunos com a prática esportiva
10. falta de interesse no esporte por causa da efí
11. educação física dividida em duas partes distintas
12. necessidade de diversificação
13. não conhece a estrutura esportiva da escola
14. escola privada X boas condições físicas e materiais para prática esportiva
15. esporte = educação física
16. esporte sem reflexão
17. esporte sem orientação
18. estrutura fraca, sempre esporte, sempre jogo
19. a maioria das atividades são para os meninos
20. a preparação anterior foi falha e não ensinou a gostar de outros esportes
21. necessidade de competição
22. necessidade de treinamentos técnicos táticos
23. descompromisso por parte dos professores
24. professor apenas interfere em situações de conflito entre os alunos
25. a modalidade é escolhida pelos alunos, quando contrariados a aula não é boa
26. avaliação pela participação, não pelo desempenho
27. competição como experiência marcante
28. viajar X esporte
29. a relação entre o vencer e as lembranças esportivas

30. esporte fora é melhor acompanhado
31. o aluno vai por vontade própria fazer o esporte fora
32. esporte na escola é passageiro e não visa a profissionalização
33. discriminação pelas características físicas fora da escola
34. quando não praticado em clubes esportivos, na escola é melhor porque tem melhor acompanhamento e organização
35. esporte fora tem uma carga de treinamento maior
36. é mais agressivo porque não conhecemos o adversário (inimigo)
37. maior semelhança com o esporte fora nas equipes representativas
38. esporte na escola é pior
39. a escola oferece maiores possibilidades para quem não tem muitas habilidades no esporte
40. A semelhança ou diferença depende do professor
41. treinamento mais específico, mais técnico
42. fora o treinamento é mais regular
43. a gratificação no alcance de uma meta de treinamento
44. criação de vínculos com a escola através do esporte
45. esporte escolar X seriedade
46. esporte fora é sem a obrigação de ser realizado
47. passar na efi X obrigação em fazer
48. existem panelas na aula de efi
49. a derrota como experiência negativa
50. a ridicularização do resultado negativo e a vergonha de perder
51. esporte X integração
52. a competição como fator de motivação
53. esporte X conhecer pessoas
54. esporte X interação
55. esporte X manter a forma física
56. esporte como forma de se manter afastado das drogas (violência urbana)
57. esporte como preenchimento do tempo livre
58. esporte X saúde

59. Esporte e possibilidades de participação nas decisões
60. esporte X formação do caráter, do cidadão, da personalidade
61. objetivo oriundo da própria prática
62. objetivos subentendidos
63. esporte na escola não é levado a sério
64. esporte faz bem, faz se mexer
65. aprendizado das regras
66. aprendizado de convivência em grupo
67. a convivência faz ter mais união no esporte da escola
68. aprendizado de união
69. cooperação aprendizado principal do esporte
70. importância do esporte estereotipada “o importante é competir, não é ganhar”
71. resultado como recompensa ao esforço individual
72. em primeiro lugar o estudo depois o esporte
73. esporte como descanso da atividade mental de sala de aula
74. quebra da rotina em sala de aula
75. esporte proporciona um melhor relacionamento inter pessoal
76. os ex-alunos e os objetivos do esporte na escola
77. esporte X respeito
78. esporte X aprendizado pra vida
79. comparação entre esporte e trabalho
80. esporte X disciplina
81. matemática = pensamento lógico e português aprende a falar
82. a relação entre a importância das disciplinas com a utilidade na vida diária
83. escola X aprender
84. escola e a vontade de saber, a curiosidade
85. a escola proporciona diferentes visões de mundo
86. relação do aprendizado com o futuro profissional
87. escola como preparação para o trabalho
88. escola X obrigação
89. escola como espaço de construção de amizades

90. escola X cultura
91. esporte X responsabilidade
92. escola é um local de experiências novas
93. escola e formação da personalidade
94. escola como a segunda casa
95. escola como início do círculo de amizades
96. aprovação no vestibular
97. qualidade do ensino privado é melhor
98. greves na escola pública
99. freqüentar a escola para ser alguém
100. escolha é realizada pelos pais
101. escolha em função da localização
102. escolha da escola em função de bolsas para o esporte
103. reflexão a partir da entrevista
104. deveria ser mais cobrado no colégio aquilo que tu vai usar na tua vida. Não naquele momento só do vestibular